

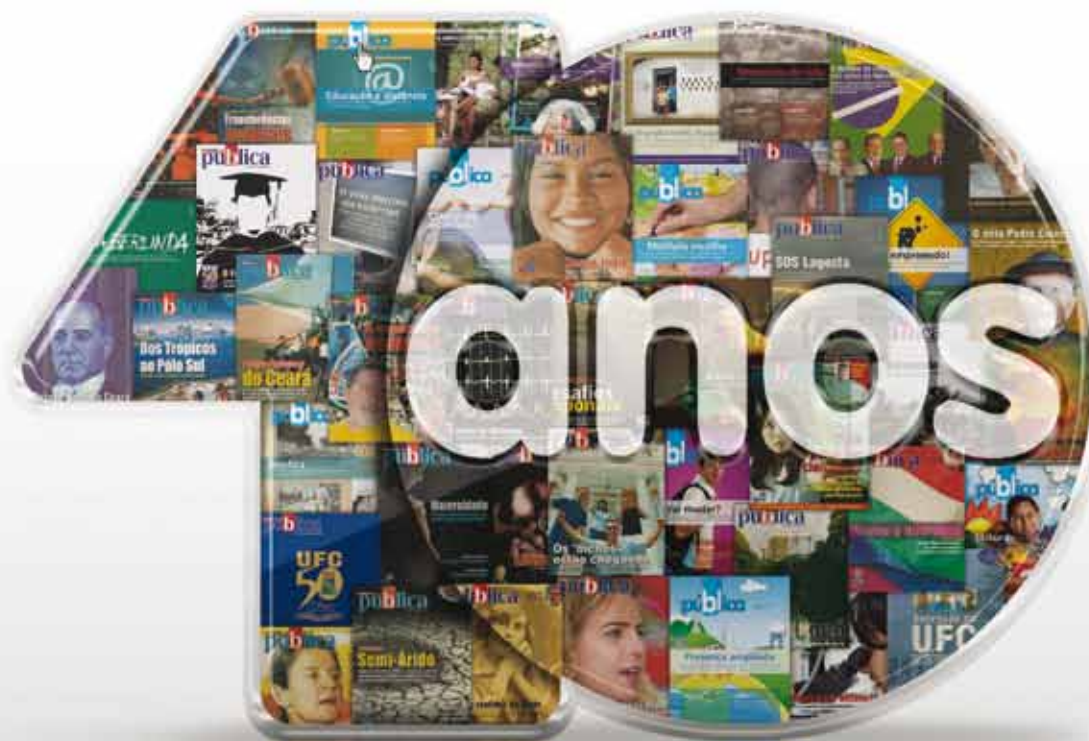
UNIVERSIDADE

pública

ENTREVISTA
MINISTRO
FERNANDO HADDAD



MAIO_JUN /2010
ano 10. nº55



Comunicação

A revista *Universidade Pública* faz 10 anos, divulgando a produção acadêmica

Planejamento

Gestores, pesquisadores e especialistas desenham os próximos 10 anos da UFC

Garantir
a formação
de leitores
é desenvolver
novos
personagens
para o futuro
da nossa
cidade.

A Prefeitura de Fortaleza incentiva o hábito da leitura entre seus alunos e a formação continuada do corpo docente. Exemplo disso é o SIMBE, Sistema Municipal de Bibliotecas Escolares e de Formação de Leitores, que permite o acesso a um sistema de informações no qual estudantes, professores e profissionais de apoio da escola buscam, com liberdade e autonomia, as informações de que necessitam. Mais uma aula de cidadania da Prefeitura de Fortaleza.



Prefeitura de
Fortaleza

VISA

WORLDWIDE PARTNER

Todo
seu

COLEÇÃO
**SHOW
DE BOLA**
Ourocard Visa



Mostre que você é craque e monte a sua coleção de minibolas históricas adidas®. Cortesia da Visa.

Dê um show de bola você também

São várias maneiras de ganhar minibolas históricas adidas® e mostrar que você entende tudo de futebol. Saiba aqui como completar a sua coleção:



Compra Premiada

Nas compras acima de R\$ 10 com o cartão Ourocard Visa Copa do Mundo FIFA 2010™ (débito ou crédito), você concorre a minibolas exclusivas adidas®.

Cert. Aut./SEAE/MF nº 05/0047/2010.

Figurinha Premiada

O álbum de figurinhas da Copa do Mundo FIFA 2010™ tem 30 mil figurinhas premiadas com minibolas. As figurinhas são comercializadas nas bancas de jornal de todo o País.

Cert. Aut./SEAE/MF nº 06/0050/2010.



Aquisição no site

Portadores do cartão Ourocard Visa Copa do Mundo FIFA 2010™ podem adquirir as minibolas pelo site

bb.com.br/torcedordobrasil com 30% de desconto em

pontos do Programa de Relacionamento Ponto pra Você (promoção por tempo limitado).

Show de Bola no Shopping

Você pode adquirir as minibolas e participar da promoção em um jogo interativo em shoppings credenciados. Essa promoção é válida para quem já tem o Ourocard Visa Copa do Mundo FIFA 2010™ ou para quem solicitar na hora o seu cartão.

adidas® e o logo das 3 listras são marcas registradas do adidas® Group, usadas sob permissão. Jabulani é marca registrada do adidas® Group, usada sob permissão.

UNIVERSIDADE
pública

10 anos de UP, os próximos 10 anos da UFC

Revista de valorização e promoção da produção científica, tecnológica e cultural da UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ.

Reitor
Prof. Jesualdo Pereira Farias
Vice-Reitor
Henry Campos

Reitoria
Av. da Universidade, 2853
60020-181 - Fortaleza - CE
Fone: (85) 3366.7300
Internet: www.ufc.br
E-mail: reitor@ufc.br

Coord. de Comunicação Social e Marketing Institucional
Paulo Mamede
Fone: (85) 3366.7319

Assessor de Comunicação Institucional
Italo Gurgel
Fone/Fax: (85) 3366.7328
E-mail: ufcinforma@ufc.br

Revista **Universidade Pública**
Av. da Universidade, 2910
Benfica - Fortaleza - Ceará
CEP: 60020-181
Fone/Fax: (85) 3366.7319
revistaufc@gmail.com

Editora
Ana Rita Fonteles/CE01169JP

Reportagens
Cristiane Pimentel/CE01863JP
Gustavo Colares/CE01861JP
Hébely Rebouças/CE2180JP
Simone Faustino/CE02133JP

Fotos
Júnior Panella/CE00100RF

Estagiários de Fotografia
Chico Célio
Davi Pinheiro

Direção de Arte
Diego Normandi

Estagiários de Publicidade
Pedro Grangeiro
Rayana Vasconcelos

Revisão
Maria das Dores de Oliveira Filgueiras
Sílvia Marta Costa

Tiragem
5.000 exemplares

Periodicidade
Bimestral

CTP e impressão
Expressão Gráfica

O tempo é de celebração. Duas datas coincidiram e nos inspiraram a fazer uma edição toda especial. A revista *Universidade Pública* (UP) completa 10 anos, ao mesmo tempo em que a maior e melhor universidade do Estado, a UFC, chega aos 55 anos de existência. Hora de comemorar, obviamente, mas também de refletir, realizar balanços e, principalmente, repensar-se.

Na matéria de capa, você acompanha a trajetória de UP desde sua criação, as mudanças ocorridas no cotidiano da UFC com a circulação da publicação, as reportagens e entrevistas destaques, além da repercussão do trabalho da revista dentro e fora da comunidade acadêmica. Noutra matéria especial, inspirada nos 10 anos de UP, gestores, professores e especialistas pensam a UFC que queremos e estamos construindo para os próximos 10 anos, a partir de atividades de ensino, pesquisa e extensão.

As outras reportagens da revista seguem o mesmo raciocínio e exploram as perspectivas para o futuro em áreas específicas da produção acadêmica como ensino a distância, intercâmbios internacionais, cultura, tecnologia, saúde e formação de professores. Os temas foram pensados a partir dos desafios colocados para a universidade brasileira e da observação de nossas necessidades específicas.

Nossa entrevista também é especial. Nossa equipe foi a Brasília, no final de maio, e conversou durante uma hora com o ministro da Educação, Fernando Haddad. A entrevista, com ares de balanço, pautou-se pela discussão da política educacional do Governo Lula e o lugar da universidade nesse novo cenário, enfocando assuntos como Reuni, Enem e a expansão das universidades federais para o interior do Brasil.

Esperamos que essa edição possa servir como base para discussões, alimentando projetos de uma universidade melhor, mais inclusiva, produtiva, eficiente e comprometida com os interesses de nosso povo.

Profissionalmente, esse também é um momento especial. Atuando desde a primeira edição de UP, primeiro como repórter e depois como editora, despeço-me como realizadora da publicação. Encerro um ciclo de ricas experiências e mergulho na realidade da Universidade de outra forma, agora como professora do Departamento de História da UFC. As boas pautas, matérias e ideias construídas por UP, continuarão com sua equipe competente e comprometida. Boa leitura e muito obrigada!

Ana Rita Fonteles
EDITORA UP



NOSSA CAPA

Ilustração de
Diego Normandi

SUMÁRIO

UP. MAIO / JUN 2010



26 CAPA

A UFC EM 55 EDIÇÕES

A revista *Universidade Pública* chega aos seus 10 anos. A trajetória e os primeiros tempos são resgatados e você pode relembrar as principais entrevistas e reportagens da publicação que é a cara da UFC

9 ENTREVISTA FERNANDO HADDAD

O ministro da Educação Fernando Haddad fala sobre o papel da educação no Governo Lula e dos avanços para as universidades federais nesse fim de segundo mandato



18



ARES DE RETOMADA

As ações da UFC na área de cultura que devem mudar o panorama da arte e da educação artística nos próximos anos

31



A UFC DO FUTURO

Inspirados pelo aniversário de UP, convidamos gestores, professores e especialistas a desenhar a realidade da UFC daqui a 10 anos

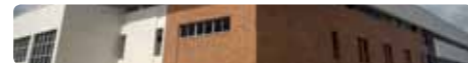
21



PESQUISA DE PONTA

A realidade da pesquisa na UFC a partir da atuação dos Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia

38



PESQUISA E SERVIÇO ARTICULADOS

Os avanços da UFC na área de saúde a partir da articulação entre pesquisa e serviços



Universidade Pública 10 anos de UFC em revista

Ensino, pesquisa, extensão, tecnologia, cultura, história, saúde, política... Desde junho de 2000, a revista *Universidade Pública* (UP) leva até você o mundo da produção acadêmica da Universidade Federal do Ceará, apresentando seus impactos sobre a vida cotidiana. Tudo isso numa linguagem clara, leve e com conteúdo de qualidade. Um elogio ao pensamento crítico e comprometido com os destinos de nossa gente.

FCPC e UFC: Rumo a excelência no desenvolvimento científico do Ceará



Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura

Av. da Universidade, 2995 - Benfica - CEP: 60.020-181
Fortaleza/CE. Fones: (85) 3243. 1620; 3281. 3444 - Fax: 3243. 5381
www.fcpc.ufc.br



FERNANDO HADDAD

ENTREVISTA

Entrevista Ana Rita Fonteles
Fotos Gustavo Granata

O novo lugar da educação

A recuperação da educação como cerne de um projeto sustentável de nação. Assim podem ser resumidas as ações articuladas pelo ministro da Educação, Fernando Haddad, para a pasta que assumiu ainda no primeiro mandato do presidente Lula, em 2005. Por cerca de uma hora, o professor de Ciência Política da USP, com formação em Economia e Filosofia, conversou sobre as ações do Ministério com a equipe de *Universidade Pública*, em sua sala de reuniões, numa sexta-feira, no gabinete do MEC, em Brasília.

Para Haddad, o MEC resgatou ideias de pioneiros da Educação quando retomou os investimentos em todos os estágios do processo educacional. Uma prioridade que se traduz em números: o orçamento da pasta saltou de R\$ 20 bilhões, em 2005, para R\$ 60 bilhões, em 2010. Os recursos vêm sendo empregados na construção de novas creches, escolas profissionais, na contratação e formação de professores e num projeto ambicioso: a expansão do ensino superior. O número atual de vagas em universidades federais dobrou, se comparado a 2003, além de pelo menos 16 novas universidades estarem sendo implantadas no atual governo.

Muitas dessas instituições estão sendo construídas ou inauguradas longe das capitais, o que também é apontado como uma retomada e recuperação de determinação constitucional pouco conhecida: "O constituinte de 1988, no Artigo 60 das Disposições Transitórias previa que, em 10 anos, a partir da promulgação da Constituição, o Estado brasileiro estava obrigado a interiorizar a oferta de Educação Superior pública no País. Em 1996, esse texto foi suprimido da Constituição e pouca gente notou".

A interiorização das universidades, segundo ele, não muda apenas as perspectivas de vida dos estudantes, mas as da comunidade e cidades, com desenvolvimento econômico e instalação de equipamentos inéditos em lugares impensados. A expansão e a retomada do diálogo com as universidades, para ele, não deve ter volta e inauguram uma época de protagonismo para o ensino superior no Brasil. "Desejo, profundamente, que nunca mais um ministro da Educação deixe de receber um reitor, que nunca mais um presidente deixe de receber os reitores, porque nós precisamos das universidades públicas do País. Precisamos delas se quisermos que nosso desenvolvimento seja sustentável".



Universidade Pública - Praticamente final de Governo. Saltam aos olhos os aumentos vultosos do orçamento para a área de Educação, em todos os setores, incluindo as universidades federais. Isso sinaliza mudanças positivas, mas não diz tudo. Qual o lugar que a educação teve como política estratégica nesses dois mandatos do presidente Lula?

Fernando Haddad – Se nós tomarmos o orçamento do Ministério da Educação do advento da DRU (Desvinculação de Recursos da União), que retirou recursos da Educação, até 2004, vamos verificar que não houve um centavo de aumento real. Ou seja, o orçamento ficou estável todo esse tempo num momento em que as matrículas se expandiam. Os anos 1990 são marcados pela queda da qualidade da educação brasileira, a partir do momento em que ela começou a ser medida. Estávamos absolutamente convencidos de que uma das tarefas primordiais da atual administração seria, justamente, recuperar a capacidade de investimento do Ministério da Educação que nós perdemos ao longo dos anos 1990, na época da ideia do Estado mínimo. Perdemos completamente o protagonismo. Quando eu assumi o Ministério, o orçamento do MEC em termos nominais não chegava a R\$ 20 bilhões e este ano superará R\$ 60 bilhões. Ou seja, triplicou em termos nominais e dobrou descontada a inflação. Isso nos criou as condições materiais de resgatar uma ideia cara aos pioneiros da educação brasileira que é a de que os investimentos devem se dar em todo o ciclo educacional. Você pode priorizar determinadas etapas do ciclo, mas não pode fazer isso em detrimento de outras etapas. Essa aposta na educação que o governo do presidente Lula fez deu condições materiais para que o Ministério recuperasse o conceito mais abrangente de educação. Pudemos, ao longo desse período, investir da creche à pós-graduação, com impacto importante sobre o papel estratégico que a uni-

versidade reassume no desenvolvimento socioeconômico do País.

UP – De maneira geral, o aumento desses recursos ainda esbarra em questões fundamentais não resolvidas como a formação de professores, o baixo nível de aprendizagem dos alunos, a evasão do Ensino Médio que é bastante alta. O que está sendo feito para que esse esforço em termos de investimentos de recursos tenha uma repercussão positiva e não se perca?

FH – Os problemas da educação brasileira só vão ser resolvidos com a manutenção da visão que preside o Ministério nesse momento que é a chamada visão sistêmica da educação. A incorporação das matrículas da Educação Infantil ao Fundeb (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica) e o Proinfância (Programa Nacional de Reestruturação e Aquisição de Equipamentos para a Rede Escolar Pública de Educação Infantil), que conveniou com prefeitos a construção de mais de duas mil creches de pré-escola no País, é uma visão de educação de que o Ensino Fundamental só vai continuar melhorando se nós investirmos em Educação Infantil. Nós herdamos um Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) de 3,5. Estamos com Ideb, nas séries iniciais do Ensino Fundamental, de 4,2. A meta para 2021 é 6, que é a média de países da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico). Outra questão relegada a segundo plano, no passado recente, é a da Educação Profissional, o Ensino Médio, sobretudo, sem nenhuma perspectiva de mudança. Basta olhar para a expansão da rede federal de Ensino Médio para verificar que a presença dessas unidades nas mesorregiões, sobretudo no Interior, as reconfigura de maneira muito evidente. Tenho visitado cidades do interior do Nordeste e constato que a realidade muda com a presença da rede federal de educação profissional. Não são só os mais de cem campi universitários que estão sendo construídos no País,

mas também a presença dos campi dos institutos federais vêm alterando, significativamente, as perspectivas dos jovens brasileiros. É essa ampliação de oportunidades que vai fazer com que a evasão caia, com que o aluno sinta a necessidade de permanecer até a conclusão dos seus estudos, sobretudo com a perspectiva de profissionalização, seja no Ensino Médio, seja na Educação Superior. Ele vê sentido na sua permanência na escola. E isso se faz oferecendo para o concludente do Ensino Fundamental a perspectiva de um Ensino Médio mais interessante, diversificado, que atenda suas expectativas e que dialogue com a sua realidade socioeconômica e também a perspectiva de acesso e permanência na Educação Superior. Estamos mais que dobrando as matrículas na rede federal, tanto na Educação Profissional, quanto na Educação Superior e

"Pudemos, ao longo desse período, investir da creche à pós-graduação, com impacto importante sobre o papel estratégico que a universidade reassume no desenvolvimento socioeconômico do País"

levando essas oportunidades para o interior dos estados, sobretudo dos mais pobres. O Fundeb mudou a realidade do financiamento no Ceará. Pouco tempo atrás o investimento no aluno do Ceará era metade do aluno do Sudeste. E hoje ele já beira 90%. É uma mudança significativa. O cearense, só porque nasceu no Ceará, recebia de investimento, por aluno, metade do que um que nasceu no Paraná. Hoje se você tomar o in-

vestimento por aluno no Fundeb, do Paraná e do Ceará, você vai ver que os números estão muito aproximados. É 90% do investimento do Paraná que é um estado com renda de intermediária para alta.

UP – Os alunos da licenciatura sentem um desestímulo muito grande para a atuação em escolas públicas por diversos fatores. Como fazer para atrair para essa atividade pessoas que de fato tenham desejo de exercê-la, mas tampouco se conformem em ser missionários? E como atrair as melhores cabeças que, muitas vezes, acabam se desviando do ensino?

FH – O piso é um começo. E a graduação gratuita é outro. Hoje, no Brasil, o jovem que quer exercer o magistério tem condições de estudar gratuitamente, seja numa universidade pública, seja numa particular. Basta que o estudante tome um financiamento estudantil e exerça a profissão em escola pública para que sua dívida com o fundo seja cancelada à razão de 1% ao mês de exercício profissional. O que nós estamos dizendo para o jovem brasileiro é que se ele quiser ser professor, a União, o Estado brasileiro está assumindo os custos de sua formação, tanto inicial quanto continuada. Isso já é uma sinalização importante. Em segundo lugar, o piso é muito importante. Trinta e sete por cento do magistério recebia menos do que o piso por ocasião de sua entrada em vigor. No Nordeste, nós estamos falando de mais de 60% que recebia menos que o piso. Nós temos de nos valer do Plano Nacional de Educação para não só consignar as metas de qualidade lançadas em 2007, não só para consagrar a expansão dos institutos e universidades federais, da Universidade Aberta. Qual a contrapartida da sociedade brasileira no sentido de atrair as melhores cabeças para o magistério? Nós temos de ter metas sobre esse assunto, coisa que nunca foi ventilada nesse País. Qual será o piso em 2020? Será esse atualizado pela inflação ou seremos mais ou-

sados e vamos colocar a carreira do professor no centro das nossas atenções para mudar, ainda mais, a realidade da escola pública no País? Temos, hoje, os instrumentos e temos que definir agora o passo, o ritmo da mudança. Não se pensou no Brasil, até recentemente, em bolsas de iniciação à docência. Nós só tínhamos bolsa de iniciação científica. Lembro porque a sua revista tratou desse assunto num dos números. E porque valorizar a iniciação científica e não valorizar a iniciação à docência? Esse ano nós estamos fechando 20 mil bolsas de iniciação à docência. É programa que começou há dois anos e já está no mesmo patamar de um que começou há 20 anos no Ministério da Ciência e Tecnologia. Temos aí um conjunto de iniciativas bastante novas e que dão uma perspectiva ao magistério muito diferente do que ele viveu até recentemente.

UP – Em nosso último número da revista, o presidente da Andifes (Associação Nacional dos Dirigentes de Instituições Federais de Ensino Superior), Alan Barbiero, citando o presidente Lula, diz que hoje uma das principais reivindicações dos prefeitos no interior do Brasil não é mais a de ter quadras poliesportivas ou o saneamento básico, mas a instalação de uma universidade federal na sua região. Que impacto a instalação de uma universidade federal tem numa região pouco desenvolvida?

FH – Pouca gente sabe o que vou dizer agora. O constituinte de 1988, no Artigo 60 das Disposições Transitórias previa que, em 10 anos, a partir da promulgação da Constituição, portanto até 1998, o Estado brasileiro estava obrigado a interiorizar a oferta de Educação Superior pública no País. Em 1996, esse texto foi suprimido da Constituição e pouca gente notou. O constituinte de 1988 já intuía com muita força que o Brasil do interior merecia a mesma consideração que as capitais, justamente porque era visível que se nós quiséssemos ordenar o território, do ponto

de vista socioeconômico, tínhamos que levar Educação Superior para o interior. Não fazia sentido concentrar a oferta pública só nas capitais. Quando fui convidado pelo presidente Lula para permanecer no Ministério por ocasião da sua reeleição, eu levei esse texto a ele e disse: “Presidente, nós temos que continuar o processo de interiorização para que a educação seja um vetor de organização do território e, portanto, um vetor de desenvolvimento regional”. E basta visitar as cidades pobres que estão recebendo, seja um instituto federal, seja um campus de uma universidade, para verificar a mudança não apenas do ponto de vista de quem está dentro, mas também de quem está fora. O que você verifica é que se para a comunidade acadêmica a mudança é dramática, para melhor, para a sociedade do entorno, as perspectivas se modificam muito seriamente. Não precisa sequer conversar com alguém para perceber a mudança que isso faz. A organização urbana se altera, as atividades econômicas se modificam. Você vê uma livraria numa cidade onde isso seria impensável, uma república, um restaurante. Coisas que aquela comunidade nunca viu, ela passa a contar muito antes da entrada em atividade daquele campus. Isso é o que é mais surpreendente ainda. Muda da construção civil à vida cultural da cidade. E quando chega, muda mais radicalmente ainda.

UP – Sobre o aspecto das disparidades regionais. Alguns estados do Brasil possuem muitas universidades federais enquanto estados como Ceará possuem uma, em vias de instalar outra com a chegada da Unilab (Universidade da Integração Internacional Luso-Afro-Brasileira). Como vocês pensam essa questão no processo de expansão? É melhor fortalecer as universidades que já estão implantadas ou é necessário criar mais universidades nesses estados?

FH – Depende muito do Estado, na verdade. Tem estados que são mui-

to mais homogêneos do que outros, há estados menos homogêneos e estados com dimensões continentais, menores. A correção que nós estamos procurando fazer é atender melhor aos estados que não tinham recebido a devida atenção do ponto de vista histórico. Pode acontecer de, no Plano Nacional de Educação, nós definirmos que o Estado do Ceará possa ter no sul, por exemplo, uma universidade, como estamos discutindo no sul do Pará. Pode-se imaginar uma outra universidade federal no sul do estado (do Ceará). Mas o que deve nortear uma decisão como essa não é uma questão quantitativa, mas qual o sentido de uma instituição no sul do Estado? Isso tem de fazer sentido do ponto de vista do desenvolvimento local, do arranjo produtivo e, mais do que isso, do ponto de vista acadêmico. Vale a pena emancipar um campus da sua sede que ainda não tenha pós-graduação? Em que medida a pós-graduação não prepara melhor a emancipação que o contrário? São discussões doutrinárias que precisam estar presentes e não se deixar afobar pela perspectiva de pensar só quantitativamente.

UP – Quando o Reuni (Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais) foi lançado causou muita polêmica. Havia um temor de que não houvesse sustentabilidade econômica para dar conta do Programa, que as metas fossem produtivistas. Três anos depois do lançamento, que balanço o senhor faz?

FH – Mais do que eu, a própria Andifes, recentemente, divulgou um relatório, universidade por universidade, sobre o Reuni, dando conta de que não só as metas quantitativas estão sendo cumpridas, do ponto de vista da ampliação de vagas e tudo mais, como também o Reuni não trouxe nenhum impacto negativo na questão da qualidade. Pelo contrário, a quantidade é uma dimensão da qualidade. Uma universidade que atende



" Uma universidade que atende pouco não é, necessariamente, uma universidade boa. O sistema federal tem que ser tomado também pela questão do atendimento. Se ele atende uma parcela mínima da população, quão bom ele é?"

pouco não é necessariamente uma universidade boa. O sistema federal tem de ser tomado também pela questão do atendimento. Se ele atende uma parcela ínfima da população, quão bom ele é? Ele será tão melhor se ele puder incorporar contingentes cada vez maiores dos egressos do Ensino Médio, sobretudo da escola pública. Entendo que é uma decisão acertadíssima a expansão das federais. Nós temos que verificar o seguinte: o Plano de Desenvolvimento da Educação inaugurou 40 ações aproximadamente que vão do Fundeb ao piso do magistério, da Universidade Aberta ao Reuni, do Proni (Programa Universidade para Todos) ao Proinfância e por aí vai. Da reforma do Sistema S (conjunto das organizações de entidades corporativas empresariais voltadas para o treinamento, assistência social, consultoria, pesquisa e assistência técnica, a exemplo do Sesc e Senac) à expansão da rede de Educação Profissional. E

enfrentamos resistências a todas as nossas iniciativas. É uma sociedade extremamente conservadora. As pessoas desejam revolução desde que não se toque em nada. Você não tem como mudar a realidade de um país sem mexer com as coisas e assumir determinados riscos. E esses setores têm todo o direito de se manifestar e se manifestaram. Mas eu percebo, hoje, que há uma hegemonia pró-transformação da realidade social do País, favorável às mudanças. Nós não tínhamos a menor perspectiva de 100% de adesão ao Reuni. Não imaginávamos que todas as federais fossem aderir. A bem dizer, quando o Reuni foi lançado, eu previ, de maneira otimista, a adesão de umas 20 universidades federais. E ainda frisei que as universidades que decidissem não aderir não sofreriam nenhum tipo de penalidade. Ao contrário, elas continuariam sendo tratadas da mesma maneira. O Reuni foi Programa costurado a quatro mãos – não é

programa do MEC. É programa do MEC/Andifes. A minuta de decreto foi redigida num conselho pleno da Andifes, com dirigentes do MEC e levado ao Presidente da República, prevendo, ainda assim, a adesão voluntária. Deixamos a cargo de cada conselho superior a decisão de considerar ou não a conveniência da adesão. Foi um processo muito rico de discussão. O que se verificou foi que setores muito resistentes à mudança, muito conservadores, foram se deixando isolar na universidade. E as forças da mudança, da transformação, da democratização, enfim, ganharam o debate. E nós tivemos a grata surpresa de verificar que a adesão foi de 100% das instituições. E quem quer que visite um campus universitário, não precisa nem acreditar na peça orçamentária. Você vê obras acontecendo em todo lugar. Outra coisa que diziam é que não íamos contratar docentes. Você veja aí a crítica que a oposição nos faz pelo

inchaço da máquina. O que é esse inchaço? Contratação de professores e técnico-administrativos. Cinquenta por cento de todos os cargos criados durante o governo Lula é para a rede federal de Educação Profissional e de Educação Superior. É isso que a oposição chama de inchaço da máquina. É o conservadorismo de um lado e de outro que se dá as mãos para criticar um projeto que chegou atrasado: a expansão das federais.

UP – Apesar dessa expansão que é reconhecida, nós não conseguimos atingir as metas do Plano Nacional de Educação. O que aconteceu? De que forma um plano realista deve pensar essas metas para o Ensino Superior?

FH – Entendo que o plano aprovado, o primeiro problema são os vetos. E o veto do investimento público em

educação foi o mais grave deles. Sem dúvida, você criar metas e não oferecer os meios é inconsistente. O veto do governo anterior ao dispositivo que previa investimento público em educação na proporção do PIB, ainda que justificado pelo conflito com a Lei de Responsabilidade Fiscal, inviabilizou algumas metas do Plano. Por isso que nós mudamos a Constituição e agora o Plano Nacional de Educação não apenas pode, mas deve prever uma meta de investimento público em educação na proporção do PIB. Alteramos a Constituição para evitar que um presidente possa, sob pretexto de salvaguardar a Lei de Responsabilidade Fiscal, vetar o dispositivo que é condição sem a qual não há plano, que são os meios necessários para a sua execução. Agora é constitucional e ninguém poderá vetar. Em segundo lugar, há sim metas irrealistas. E duas delas são muito evidentes, a de Educação Infantil e a de Educação Superior. Nós saímos de 9% de atendimento em creche, em 2000. Prever 50%, em 2010, é difícil, até porque muitos países desenvolvidos não conseguiram atingir os 50%. Imaginar o Brasil, que passou o século XX inteiro sem considerar a educação prioridade, em 10 anos, iria quintuplicar o atendimento em creches era difícil. Nós vamos multiplicar por duas vezes e meia o atendimento em creche. Estamos em 18% e com o Proinfância e o Fundeb devemos chegar, no mínimo, em 21%, o que dá mais que o dobro de atendimento. Talvez essa meta de 50% possa ser atingida em 2020. Mas o Brasil avançou muito no atendimento. Na questão da pré-escola considero muito factível universalizar até 2014. No que diz respeito à Educação Superior, se nós tomarmos a taxa de atendimento do Plano como bruta, o Brasil se sai razoavelmente bem. Nós saímos de 13% e vamos chegar a 30%, de taxa bruta, até 2010. Agora a líquida (relativa a jovens na faixa etária entre 18 e 24 anos) é muito mais difícil, porque os universitários brasileiros têm uma

média de idade relativamente avançada. Muitos brasileiros concluem o Ensino Médio e só voltam para a universidade depois de ter filho. Superaremos, certamente, 28% de taxa bruta, em 2010. A líquida não, porque a líquida era 9% e deve chegar a 15%. Agora a bruta, certamente vai beirar 30% e no próximo período, com os instrumentos que estão disponíveis, Reuni, institutos federais, Prouni, Universidade Aberta do Brasil, Novo FIES (Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior). O Brasil está mais preparado para fixar uma meta ambiciosa.

UP – O ensino superior a distância também parece ser uma grande aposta do MEC nesse processo de expansão. O senhor acredita que as dificuldades e limitações apontadas com relação a essa modalidade já foram superadas? É possível pensar num ensino a distância, no caso da Educação Superior, de qualidade?

FH – Criamos um marco regulatório junto com a UNE que promove a qualidade. Para nós, do ponto de vista da qualidade, essa contradição público-privado, a distância, presencial, bolsa ou financiamento, não faz sentido. O MEC tem que zelar pela qualidade, qualquer que seja o regime, a modalidade, e nós temos os instrumentos para isso. Obviamente, do ponto de vista dos direitos fundamentais, o que pudermos fazer para expandir a oferta, faremos. E o Sinaes, construímos junto com os estudantes. Tanto é verdade que a UNE, só muito recentemente, deixou a posição de boicote ao Enade (Exame Nacional de Desempenho de Estudantes) e ela só fez isso quando verificou que o MEC havia cumprido todos os seus compromissos com relação ao Sinaes.

UP – O MEC está num processo intenso de negociação com as universidades federais com fins de adesão ao SiSu (Sistema de Seleção Unificada). Que medidas vocês estão adotando para tentar minimizar os problemas que ocorreram agora na primeira edição?

FH – Não entendo que o SiSu trouxe propriamente problemas. Trouxe algumas surpresas. Tanto é que 97%, 98% das vagas foram preenchidas. O que causou uma certa ansiedade foi o fato de que a inscrição para alguns dos alunos passou a ser vista como uma espécie de jogo. Tanto que eles se inscreviam, mas não se matriculavam. Percebemos, rapidamente, que estava havendo um comportamento que nós não verificamos no Prouni que tem exatamente a mesma sistemática. Mas no SiSu, por alguma razão que eu não saberia identificar, houve esse comportamento de game, o que foi corrigido com a introdução da figura da lista de espera. As próprias universidades reivindicaram na terceira etapa introduzir o conceito que é a maneira como nós, naturalmente, vamos preencher as vagas, bloqueando esse comportamento não desejado. E se resolveu. Mudar um processo centenário de vestibular

que foi abandonado, há décadas, pelo mundo inteiro, não é tarefa simples, senão já tinham feito.

UP – Uma das características do Sistema é a possibilidade de maior mobilidade dos alunos. O senhor acha que esse “jogo” tem a ver com a desconfiança e com a fragilidade de uma política de assistência estudantil para as universidades federais?

FH – Não saberia dizer. Estamos procurando acompanhar o processo. Ninguém está dizendo que o processo é simples, nunca foi vendido como uma facilidade. A transição do modelo anacrônico que nós temos para a modernidade que nós estamos sugerindo vai valer a pena. Não estamos dizendo que a travessia do deserto vai ser simples porque não é. Quando eu dou entrevista sobre esse assunto para jornal estrangeiro, a palavra vestibular nunca é traduzi-

da, nem para o espanhol, porque não tem similar em outra língua. Evidente há alguma coisa errada. E não é por outra razão que os estudantes reivindicam, desde meu tempo de militância estudantil, o fim do anacronismo do vestibular. Você tem, efetivamente, uma indústria por trás do vestibular, tanto de cursos preparatórios quanto de taxa de inscrição. O que o MEC tinha de fazer era ter a ousadia de lançar a proposta e dar sustentação, do ponto de vista da assistência estudantil, e isso nós fizemos. O Pnaes (Plano Nacional de Assistência Estudantil), abolido em 1998, em sua reestrela conta com R\$ 300 milhões. Essa era a verba de custeio de todas as federais em 2002. E é um programa maravilhoso. Vai desde a moradia e RU, passando por bolsas de extensão, de iniciação.

UP – Estamos elaborando reportagem especial sobre a universidade

nos próximos 10 anos fazendo esse exercício a partir da UFC. Que metas as universidades federais devem perseguir, nos próximos 10 anos, a fim de obter esses resultados qualitativos vislumbrados pelo Ministério?

FH – Tive a grata satisfação de viver um período muito intenso de inovações no Ministério da Educação e as universidades responderam a todos os apelos do MEC, criticamente. Todas as propostas do Ministério da Educação foram alteradas, negociadas. Foi um processo muito rico de aprendizado e a universidade, hoje, tem mais esperança de poder contribuir com o desenvolvimento nacional. Ela recuperou a centralidade e o papel estratégico que desempenhou em anos longínquos. E eu considero que o presidente Lula teve um papel fundamental nesse despertar. A universidade, realmente, no seu conjunto, deu voto de confiança ao

"A palavra vestibular nunca é traduzida, (...) porque não tem similar em outra língua. Evidentemente há alguma coisa errada. Você tem, efetivamente, uma indústria por trás do vestibular, tanto de cursos preparatórios quanto de taxa de inscrição."

Ministério da Educação. O Ministério não estava bem perante as universidades quando nós assumimos. Nós não contávamos com a confiança, sobretudo dos dirigentes. Muitas promessas não cumpridas. O clima de diálogo hoje é outro. Eu visito universidades todo tempo e sempre sou surpreendido com a notícia de que é a primeira vez que um ministro visita a universidade. Uma coisa incrível. O presidente se reúne, anualmente, com o colegiado de reitores, um encontro que é de trabalho, em que ele mais ouve do que fala. Eu desejo que esse clima se mantenha. Desejo, profundamente, que nunca mais um ministro da Educação deixe de receber um reitor, que nunca mais um presidente deixe de receber os reitores, porque nós precisamos das universidades públicas do País. Precisamos delas se quisermos que nosso desenvolvimento seja sustentável. 🗣️

SALA DE AULA AMPLIADA

Em poucos anos, cursar disciplinas na modalidade a distância será possível em qualquer curso de graduação da UFC. A novidade estimulará mais atualização dos professores e dedicação dos estudantes

Ser aluno da Universidade Federal do Ceará e viver em Aracati, Camocim, Quixeramobim, Russas, Ubajara ou em qualquer dos outros 23 municípios cearenses que abrigam polos da Universidade Aberta do Brasil (UAB), sedes dos cursos semipresenciais do Instituto UFC Virtual, já não é mais novidade. Cinco mil estudantes cursam uma das seis licenciaturas (Matemática, Química, Física, Letras/Espanhol, Letras/Inglês e Letras/Português) e dois bacharelados (Administração e Administração em Gestão Pública). Até 2012, mais 13 polos devem ser inaugurados e o número de alunos deve passar dos 10 mil.

Isabel Cristina Ferreira, 25 anos, mora em Caucaia e é aluna do 5º semestre da primeira turma da Licenciatura em Química na modalidade semipresencial. Entre fóruns, webconferências, portfólios, chats e outras ferramentas digitais, Isabel não tem queixas por fazer uma graduação do Instituto UFC Virtual. Ela assiste a vídeos produzidos por professores da Universidade em laboratórios do Campus do Pici, em Fortaleza, onde são minuciosamente explicadas todas as etapas de um experimento químico. O vídeo também mostra como se dão e o porquê das reações químicas acontecerem, e com uma vantagem: Isabel pode reproduzir o vídeo quantas vezes achar necessário, até apreender todos os detalhes. “Temos encontros

presenciais e atividades virtuais no ambiente de aprendizagem e todas as provas, sem exceção, são realizadas nos polos de apoio. O material didático que utilizamos é excelente”, garante.

A opinião é compartilhada por Sarah Pires Barreto, 19 anos. Estudante do 1º semestre da Licenciatura em Letras/Inglês, em Caucaia. Ela não vê diferenças entre a graduação que cursa e a presencial. “A grade curricular é igual a de um curso presencial. Temos de entregar trabalhos toda semana, participar de fóruns que simulam a sala de aula. Na graduação semipresencial o estudante tem de participar da aula nem que não queira, pois ou ele participa ou leva falta, então temos de sempre ir para as aulas virtuais.”

A experiência de fazer disciplinas ou um curso inteiro na modalidade semipresencial, ou mesmo a distância, está mais perto de se tornar realidade para todos os alunos de graduação da UFC. A Universidade, através do Instituto UFC Virtual, concorre a edital lançado pelo Ministério da Educação (MEC) que visa financiar universidades públicas a efetivar o que já prevêem os parâmetros curriculares: 20% da carga horária dos cursos de graduação presenciais podem ser ministradas a distância. A UFC é apenas um das 78 instituições que disputam parte dos R\$ 45 milhões do MEC destinados a esse fim.

Segundo Mauro Pequeno, Dire-

tor do Instituto UFC Virtual desde 2005, é tendência natural a utilização da Educação a Distância (EaD) em cursos de graduação presenciais. Disciplinas teóricas de cursos como Engenharia ou Medicina, onde a prática laboratorial é mais constante, já deveriam ser feitas dessa forma. Cursos como Direito, História ou Geografia tenderão a ter quase a totalidade de sua carga horária realizada longe dos bancos da faculdade. Ele lembra que no passado as pessoas estudavam dentro de casa, com professor particular. O costume antigo, com o passar dos anos, deu lugar aos colégios, onde o professor se tornou coletivo. “Os cursos vão se adequar de acordo com o que o projeto pedagógico deles exigir. São evoluções e a tecnologia utilizada serve exatamente para que a qualidade não caia. O microfone não veio para tirar a qualidade da voz, mas para ampliá-la e fazê-la chegar mais longe”, exemplifica.

A aplicação dos 20% de carga horária semipresencial ou a distância nos cursos de graduação deve acontecer nos próximos cinco anos, de acordo com Mauro Pequeno. Para ele, o Instituto UFC Virtual deverá estar, daqui para frente, mais próximo das demais unidades acadêmicas da Universidade. “Vamos ajudar na formação dos professores, aproximando-as das novas mídias digitais.” O professor garante que, com a novidade, a qualidade

dos cursos de graduação deve aumentar. Com os cursos na Internet, os professores se manteriam mais atualizados, já que os alunos se tornariam mais exigentes por causa de sua interação com a rede.

Extensão a distância

O Instituto UFC Virtual teve origem em 1997. Naquele ano, o Grupo de Pesquisa em Educação a Distância, coordenado por Mauro Pequeno, deu início ao Projeto EDUCADI, que se propunha a aplicar tecnologias da informação e da comunicação para minimizar problemas de aprendizagem de estudantes do Ensino Básico em dez escolas públicas cearenses. Depois de 13 anos, o Instituto não relegou ao passado sua capacidade de estimular melhorias na qualidade do ensino público, ampliando sua presença no Interior do Estado através de cursos de formação continuada.

Em parceria com a Secretaria de Educação Básica do MEC, o UFC Virtual já iniciou o curso de extensão de Formação Continuada em Conselhos Escolares, que busca melhorias na Educação Básica pública a partir da capacitação em gestão escolar, de profissionais que atuam em escolas, e pais de alunos. Os Conselhos Escolares são a instância onde se dá a gestão educacional participativa, é a ferramenta que vincula a escola à comunidade. No Ceará, 2.000 pessoas serão capacitadas, e outras 500 participarão da formação no Piauí.

Outro curso é a Formação de Conselheiros Municipais, voltada a participantes dos conselhos municipais, instâncias garantidas por lei que aproximam a escola e o município. Mil e quatrocentos membros de conselhos municipais e técnicos de secretarias de Educação de todas as cidades do estado do Ceará terão a formação, que visa estimular uma gestão escolar mais participativa.

Segundo o Professor Rogério Santana, Coordenador do Núcleo de Pesquisa e Ensino em Gestão

Mauro Pequeno: UFC Virtual vai estar mais próxima de outras unidades acadêmicas



Escolar (GPEGE), do Instituto UFC Virtual, a qualidade do ensino básico passa pelo aperfeiçoamento da formação de gestores escolares e professores, além da participação mais efetiva da comunidade no cotidiano das escolas.

Ferramentas de aceleração dessa melhoria, as novas tecnologias digitais ainda encontram resistência em professores que não tiveram alguma formação em tecnologia. “É preciso uma mudança de mentalidade e na perspectiva de gestão. Nos laboratórios de informática das escolas, não há problemas com os estudantes, mas com os professores, que têm medo de utilizar a tecnologia e ainda estão presos ao livro didático, que contém exercícios fora do contexto de vida do aluno. O grande desafio é o da formação tecnológica desses professores, na sua própria área”, explica. Por isso o envolvimento do Instituto UFC Virtual nessas formações.

De acordo com Santana, essa dificuldade será revertida quando disciplinas como informática educativa, através da educação a distância, passarem a fazer parte do currículo formativo de todos os cursos de licenciatura. “Na Faculdade de Educação (Faced) e no Instituto UFC Virtual nós já encontramos isso,

mas licenciaturas de outras instituições têm dificuldade em empreender uma formação tecnológica para os futuros professores. As pessoas não têm formação tecnológica voltada à sua área”, lamenta.

Por causa disso, o professor apenas vê vantagens nos cursos de extensão de formação continuada ministrados a distância e nas graduações ofertadas pelo Instituto UFC Virtual nos polos da UAB. Para Santana, além de apreender o conhecimento científico próprio de sua formação, o aluno também adquire uma vivência tecnológica em EaD, o que se configura numa tendência de melhoria da qualidade do Ensino Básico e até mesmo da gestão escolar.

Presente na vida de quase dez mil cearenses, o Instituto UFC Virtual pode ser considerado uma universidade dentro de outra. Para o Diretor Mauro Pequeno, novos e amplos horizontes se abrem para a unidade nos próximos dez anos. “Queremos avançar em ensino, pesquisa e extensão. Estamos preparando uma proposta de Mestrado, mas já pensamos no Doutorado. O Instituto será uma unidade de pesquisa e, acima de tudo, de inovação, convergente das demais unidades acadêmicas da UFC.”

Ares de retomada

A cultura toma fôlego na UFC, com a consolidação do Instituto de Cultura e Arte como Unidade Acadêmica e a criação de cursos que prometem fazer a diferença no panorama artístico-cultural do Estado nos próximos anos

por Simone Faustino

Nos primeiros anos após sua fundação, em 1955, a Universidade Federal do Ceará esteve à frente das principais vanguardas e movimentos culturais do Estado. Depois de tempos de obscurantismo, reflexos do pouco investimento em cultura por parte do Governo Federal, a UFC começa a retornar ao seu papel de protagonista no palco da cultura cearense. A retomada deve-se, entre outros fatores, à transformação do Instituto de Cultura e Arte – ICA em Unidade Acadêmica (antes órgão suplementar do Gabinete do Reitor), ao compromisso das últimas gestões da Administração Superior e ao revigoreamento decorrente da criação de diversos cursos entre 2006 e 2010.

Para entender o processo, é preciso resgatar o percurso recente do Instituto. Criado na gestão do Ex-Reitor René Barreira, o ICA sofreu redefinição de funções durante a passagem do Reitor Ícaro Moreira e, em 25 de junho de 2008, foi finalmente transformado em unidade acadêmica pelo Reitor Jesualdo Farias. Se, entre 2003 e 2008, o órgão teve a função de gerenciar equipamentos e atividades artístico-culturais, agora o rol de funções inclui ensino, pesquisa e extensão.

“A atividade de formação não estava contemplada no organograma da UFC no que se refere às áreas de cultura e arte. A primeira mudança foi a vinculação dos cursos identificados com a área: Educação Musical, Estilismo e Moda, Filosofia e Comunicação Social. Além disso, novos cursos

que estavam sendo projetados já nasceriam vinculados ao ICA: Cinema e Audiovisual, Artes Cênicas, Gastronomia (iniciados em 2010) e Dança (programado para 2011)”, enumera o Pró-Reitor de Graduação e Diretor do ICA, Prof. Custódio Almeida.

O Diretor lembra que a entrega do ambiente físico permanente do Instituto, prevista para 2012, “trará uma nova sociabilidade para o Campus do Pici, que é o maior da UFC”. A dívida de mais de 50 anos que a UFC tinha com a sociedade cearense terá uma grande parcela sanada quando lá forem iniciadas as atividades. “O Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) veio ao encontro das demandas históricas reprimidas, e deu suporte financeiro para transformar muitos sonhos em realidade. Essa será a década especial de Cultura e Arte na UFC. Estamos elaborando o Projeto Pedagógico do ICA, com suas diretrizes e metas. O incremento da relação universidade-sociedade e universidade-escola é ponto pacífico”, garante o Prof. Custódio.

Música para os ouvidos

A Licenciatura em Educação Musical foi fruto de duas experiências bem-sucedidas. Primeiro, o Coral da UFC, que formou gerações e tem quase a mesma idade da Universidade. Depois, o Curso de Extensão em Música, que funcionou por 10 anos

e deu origem ao curso de graduação, criado em 2005.

O curso de Fortaleza foi criado em 2005 e iniciado em 2006. Já o do Campus do Cariri começou as atividades em 2010, como um dos 19 cursos criados neste ano, através da expansão proporcionada pelo Reuni. Em 2011, será a vez do Campus de Sobral, solidificando a abrangência da área em três dos quatro campi da UFC. “O curso de Educação Musical tem como foco a relação com a escola. Por isso, estamos em contato com o Programa de Educação Tutorial (PET) e com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). Alunos e professores estão em debate na Capital e no Interior. A dispersão física é uma barreira para essa interlocução, mas ela existe”, salienta Elvis Matos, Vice-Diretor do Instituto de Cultura e Arte e professor do curso de Educação Musical.

O curso não para. Enquanto o Coral da UFC fez sucesso com a temporada do espetáculo “Abraços” em 2009, este ano será marcado pelos recitais do projeto “Pôr do Som”, nova empreitada do PET de Educação Musical, em parceria com a Coordenadoria de Comunicação Social e Marketing Institucional. Apresentações quinzenais visam à formação de plateia e valorização dos artistas cearenses.

Sobre a atmosfera propícia à expansão proporcionada pelo Instituto, Elvis admite estar temeroso por um possível período de “vacas magras”

pós-Governo Lula, mas afirma que a contratação de novos professores e a criação de novos cursos são auspiciosas. “Pessoas do cinema, do teatro, da música e de outras áreas reunidas podem colocar em prática projetos mais que interdisciplinares, eu diria plurilinguais. Só fico um pouco preocupado com o clima de “Olimpo” ligado à área da arte. A linguagem artística aproxima e toca as pessoas. Precisamos usá-la com responsabilidade”.

Polo audiovisual

Os aspirantes a cineastas em nosso Estado, até algum tempo atrás, não possuíam muitas opções de formação. Os mais providos financeiramente podiam ir a Cuba, para estudar na Escola Internacional de Cinema e Televisão de San Antonio de los Baños. Os que dispunham de menos recursos só contavam com o Curso Básico de Cinema e Vídeo da Casa Amarela Eusélio Oliveira, que de 1971 a 1996 foi o único com esse perfil da cidade. “Grandes fotógrafos conhecidos, como Thiago Santana, Gentil Barreira, Silas de Paula passaram pela Casa Amarela como alunos ou professores. Na área do cinema é a mesma coisa: eu, Marcus Moura, Joe Pimentel, Glauber Filho, Firmino Holanda, Yuri Pereira e outros”, conta Wolney Oliveira, cineasta e Diretor da Casa Amarela.

Em 2006, a Prefeitura de Fortaleza criou a Escola Pública de Audiovisual da Vila das Artes, curso parceiro da UFC na área de extensão, com duração de dois anos. Em 2007, surgiu o primeiro curso de audiovisual em uma universidade privada cearense. Em 2009, foi aprovada a graduação em Cinema e Audiovisual da UFC, já dentro da estrutura do ICA. “Esse curso é resultado de muitos anos de força de vontade. Ele começou a nascer desde que existe algum tipo de movimento no Ceará pela necessidade de formação na área de cinema e au-

diovisual. A existência e consolidação de uma produção local também fez toda a diferença”, frisa a Profª Beatriz Furtado, coordenadora do curso.

Uma formação interdisciplinar e de currículo flexível é a grande busca, além da integração com as demais áreas da Unidade Acadêmica. “As diretrizes do MEC permitem que 50% da carga-horária possa ser preenchida por disciplinas livres. Outro diferencial é que nenhuma disciplina nossa terá pré-requisitos, pois o conhecimento não pode se dar apenas de forma cronológica. Isso é que vai definir o perfil de cada aluno do curso”, explica Beatriz. De acordo com ela, atividades em sala de aula são importantes, mas a dinâmica também incluirá formações com professores de fora, cursos livres e palestras com realizadores, além da produção prática, é claro. “A ideia é formar um realizador no sentido amplo, que possa articular equipes em qualquer área”.

O cineasta Wolney Oliveira, um dos “filhos pródigos” que retornou ao Ceará depois da formação em Cuba, afirma que a Casa Amarela foi pioneira para tornar o Ceará um polo produtor de cinema. “O Cine Ceará - Festival Ibero-Americano de Cinema nasceu dentro da Universidade, há 20 anos. O Brasil tem hoje cerca de 200 festivais de cinema, e estamos entre os cinco ou seis maiores, junto com os festivais de Brasília, Gramado, Rio de Janeiro e Recife”, aponta. Segundo ele, os realizadores cearenses têm muito o que agradecer à UFC, à Casa Amarela e ao “finado” Instituto Dragão do Mar, iniciativa do Governo do Estado.

Wolney lembra que a Casa Amarela completa 40 anos em 2011, o Núcleo de Cinema de Animação da casa passa de uma década, os cursos oferecidos estão com turmas lotadas e o Cinema Benjamin Abrahão está reequipado e em atividade. “O mundo hoje funciona na base do audiovisual, o que me leva a crer que os tempos piores já se foram”, desabafa.

Fomento teatral

As artes cênicas já contavam com grande tradição na UFC. O Curso de Arte Dramática (CAD), sediado no Teatro Universitário Paschoal Carlos Magno, já formou, desde 1961, cerca de uma centena de atores e montou a mesma quantidade em espetáculos. Grandes nomes da dramaturgia cearense, como Emiliano Queiroz, Nadir Papi Sabóia e Ricardo Guilherme, passaram por seu palco.

Segundo afirma o Prof. Gil Brandão, coordenador do curso de Artes Cênicas da UFC e Diretor do Teatro Universitário, “houve muitas conquistas, espetáculos, festivais na Capital e no Interior. A criação dessa graduação veio fomentar ações e acabar com esse estigma de que só é bom o que vem de fora. Mas é fundamental o investimento contínuo para que as coisas se expandam”.

Hoje, as Artes Cênicas estão consolidadas Brasil a fora em nível de graduação. Na Universidade Federal da Bahia, há até um Programa de Pós-Graduação em Teatro, com respaldo na América Latina. Com o Reuni, houve articulação para criar licenciaturas e bacharelados em áreas antes carentes. “A primeira turma entrou em março, e é uma conquista que faz parte da história de 50 anos do Teatro Universitário. Havíamos pensado em um bacharelado, mas a Educação Básica tem exigido competência didática. O profissional artista é mais completo quando se forma também educador”, ressalta o coordenador.

Mesmo com o pouco tempo de atividade, os projetos são muitos no curso. A reinauguração do Teatro, com vasta programação prevista para 25 de junho, vem somar-se a iniciativas como o Coral das Artes Cênicas, regido pelo Prof. Poty Fontenele, que está inscrevendo alunos da UFC e pessoas da comunidade; o

Pesquisa de ponta

Instituto Nacionais de Ciência e Tecnologia incrementam pesquisas com forte aporte de recursos e concentração interdisciplinar de pesquisadores. Na UFC, quatro estão em atuação e prometem mudar o panorama da ciência nos próximos anos

Prof. Elvis Matos: pessoas de várias áreas podem desenvolver projetos "plurilinguais". À esquerda, imagem do Teatro Universitário, a ser reinaugurado esse mês



DocTeatro, projeto de livro que resgata a história do CAD e do Teatro Universitário; espetáculos próprios e convidados; oficinas e projetos de pesquisa que germinam. "A pluralidade que o ICA vai proporcionar tem grande potencial para irradiar na cidade", antecipa Gil Brandão.

Função educativa


Outro equipamento cultural da Universidade que planeja ações a longo prazo é o Museu de Arte da UFC (Mauc). Com a Lei Federal nº 11.904, de janeiro de 2009, que criou o Estatuto dos Museus, passou a existir um movimento de valorização tanto dos acervos, quanto das instituições. "Os museus passaram a ser obrigados a constituir seus 'planos museológicos'. Aqui na UFC, isso implicou a contratação, por meio de concurso, de profissionais de Museologia. A procura das escolas aumentou, por conta da inclusão de disciplinas de arte nos currículos. Isso aponta para um fortalecimento da potencialidade educativa do acervo da UFC", explica o Diretor do Mauc, Prof. Pedro Eymar Barbosa.

Em 2011, o Mauc completa meio século de existência, mas os preparativos para a comemoração em grande estilo já começaram. "Desde 2009, estamos pesquisando e levantando

dados sobre a constituição do Museu, resgatando a memória de eventos e exposições marcantes. A ideia é disponibilizar o acervo para visitação em exposição comemorativa e na Internet", diz o Diretor.

Os problemas estruturais ainda não foram completamente sanados, mas o incremento é visível: fortalecimento da segurança, vigilância eletrônica e projeto de instalação de uma central de ar-condicionado. Segundo o Diretor, as perspectivas de futuro incluem reforços dos propósitos educativo (pesquisa e extensão) e social do acervo. E desponta no horizonte uma nova vertente: a turística. "Em 2014, Fortaleza vai receber uma população estrangeira por ser uma das sedes da Copa do Mundo. O visitante poderá ter acesso e multiplicar nosso saber e nossa cultura por muitos continentes. O acervo está, inclusive, em processo de tombamento junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)", adianta.

Ecos d'África

O Festival UFC de Cultura realiza, em 2010, sua 3ª edição, em conjunto com os Encontros Universitários. A proposta é de caráter internacionalista, ao articular os países de língua portuguesa. Sob o tema "Ceará, África, Lusofonia: Encontros e Diálogos Além-Mar", traz na programação mostra de cinema, feira de escritores de língua portuguesa, debates, lançamentos de livros, desfiles de roupas típicas dos países, exposição de quiosques com gastronomia e artesanato, apresentações culturais e shows. "O Festival já foi institucionalizado como política da UFC. O Reitor declarou compromisso, como objetivo da gestão, difundir a cultura e congrega comunidade acadêmica e sociedade em torno dela. Para 2011, queremos abordar o tema 'Ceará - América Latina', colocando cada vez mais a Universidade como agente ativo da cultura", antecipa o jornalista Paulo Mamede, Coordenador de Comunicação Social e Marketing Institucional da UFC e responsável pela organização do Festival UFC de Cultura. 

Um dos principais programas de fomento ao desenvolvimento científico no Brasil, os Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia são uma ação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e têm como objetivo articular pesquisadores em grupos de estudo em áreas estratégicas para o País, além de impulsionar a produção e a inovação nacional. Possibilitam ainda a formação de jovens pesquisadores e a instalação de laboratórios e infraestrutura adequada em instituições de ensino.

Presentes em todas as regiões do Brasil, sendo a Sudeste a mais contemplada, com 77 institutos, as iniciativas se distribuem, sendo 15 na região Sul, nove, na Norte, quatro, na Centro Oeste e 18, na Nordeste. O Ceará abriga quatro institutos, todos sediados na UFC: o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Biomedicina do SemiÁrido Brasileiro, o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Salinidade (INCTSal), o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Transferência de Materiais Continente-Oceano e o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Nanobioestruturas e Simulação Nanobiomolecular (Nano(bio)simes).

Estudiosos de Bioquímica, Física, Biologia, Química e Farmacologia interagem no desenvolvimento de pesquisas, com enfoque na nanociência e nanotecnologia, no Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Nanobioestruturas e Simulação Nanobiomolecular (Nano(Bio)Simes).

Cinco linhas são conduzidas: Transporte de cargas e dinâmica de torção do DNA, RNA e proteínas; Crescimento, caracterização e aplicações de cristais e filmes de aminoácidos, do DNA, RNA e proteínas; Fármacos e proteínas: caracterização e simulações *ab initio*; Nanoestruturas de carbono, semicondutores e de outros materiais; e Biosensores. O alvo dos esforços dos pesquisadores são estruturas da escala de bilionésimos de metro, ou nanômetros, inseridos na menor escala útil na ciência dos materiais. Um nanômetro equivale a 10 átomos de hidrogênio enfileirados.

Com excelentes propriedades, como a resistência à ruptura 100 vezes maior do que a do aço, apesar de serem moléculas 70 mil vezes menores do que um fio de cabelo humano, os nanotubos de carbono são uma das estruturas atualmente mais investigadas pelos físicos do mundo todo, e integram as temáticas do Nano(Bio)Simes. "Trabalhamos com nanotubos de carbonos desde 2000. Começamos olhando especificamente para a física desses materiais e, hoje, a coisa caminha na direção não só do aspecto físico, mas como esse conhecimento pode ser acoplado

em outras áreas, e também, como se pode aproveitar esses sistemas para diferentes aplicações, inovações em áreas como, por exemplo, a Biologia", explica Antônio Gomes Filho, pesquisador do Instituto.

Recentemente laureado com premiação internacional pela sua contribuição no avanço do conhecimento em nanoestruturas de carbono, no Somiya Award 2009, da International Union of Materials Research Societies (IUMRS), o pesquisador estuda as alterações das propriedades dos nanotubos em interação com outras substâncias ou ambiente. "Promovemos a interação dessas estruturas com outras coisas, que podem ser moléculas orgânicas, polímeros, ou seja, tentamos mudar a superfície do tubo para dar a ele o que chamamos de funcionalidade. Uma vez modificada essa estrutura a gente usa as técnicas de Física, em particular o espalhamento de luz ou espectroscopia Raman, para entender como essa modificação química feita nos tubos os afeta. Isso é importante, porque uma vez entendendo como as substâncias alteram a propriedade do tubo, podemos estudar essa propriedade, por exemplo, para um sensor, como um nanotubo para detectar um vírus ou um composto tóxico".

Gomes comenta que outra preocupação dos estudiosos é verificar a segurança desses materiais para uso

em inovações tecnológicas. “O mundo, hoje, produz muitas toneladas de nanotubos de carbono, é um reagente que você compra de várias empresas. Ninguém sabe ainda se esses nanomateriais oferecem danos à saúde ou ao meio ambiente. Observamos se eles apresentam genotoxicidade, quando você coloca o material em contato com a célula e avalia como ela está mudando, se está simplesmente matando a célula ou se está provocando mudanças mais profundas, na estrutura de DNA”, afirma.

Ainda no âmbito da nanotecnologia, dessa vez mais próxima à Biologia, uma pesquisa tenta desvendar a atividade de uma proteína presente no legume da vagem do Jacarandá. Conduzido pela pesquisadora Raquel Benevides, sob orientação do Prof. Benildo Cavada, coordenador do Nano(Bio)Simes, o trabalho segue para identificar um possível agente farmacológico através da ação da proteína Lectina, que interage com o açúcar presente em organismos animais. “É uma proteína de planta que está envolvida em vários processos biológicos, como a ativação de atividade inflamatória. Não existe no corpo humano e esse é o grande interesse, porque, curiosamente, ela não vai interagir com açúcares que existem na planta, mas com os que existem em insetos, animais e em humanos. Isso levanta a suspeita de que pode estar ligado a um papel de defesa da planta. Sabendo que tipo de interação existe, pode-se saber quais açúcares são mais afins ou não para poder utilizar como ferramenta biotecnológica, numa interferência direta nessa via inflamatória, por exemplo, ativando essa inflamação ou inibindo”, declara.

Segundo Raquel, a análise visa oferecer, em longo prazo, suporte para ferramentas terapêuticas para doenças como o câncer. Outra análise do potencial das lectinas, dessa vez desenvolvida no Laboratório de Imunologia e Bioquímica de Sobral (Libs) pelo Prof. Edson Teixeira, outro integrante do Instituto Nano(Bio)Simes, quer identificar nessas proteínas

possíveis agentes preventivos de cárie e câncer periodontal. “A patologia mais importante na Odontologia é a cárie, que é multifatorial e depende da formação de biofilme na superfície do dente. Para você ter cárie, precisa ter, necessariamente, bactérias consorciadas em um biofilme. Uma das formas das bactérias se consorciarem é utilizar as suas próprias lectinas para se ligarem umas às outras e se ligarem também ao dente. O objetivo dessa pesquisa foi identificar se lectinas isoladas, de outras espécies, no caso vegetais, interferiam nesse processo de colonização. Uma coisa que a gente constatou é que tanto ela se liga ao dente como às bactérias e isso desestrutura a formação do biofilme”, expõe.

As lectinas escolhidas para o estudo são oriundas de plantas leguminosas ou algas marinhas nativas da flora e do litoral brasileiro. Segundo Edson, após bons resultados em testes laboratoriais, a ideia é que a pesquisa evolua agora para testes em modelo animal.

Biomedicina do Semiárido

Novas soluções para problemas odontológicos são propostos ainda no Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Biomedicina do Semiárido Brasileiro. Pesquisa da Prof^a Gerly Anne de Castro Brito, está focando no desenvolvimento de uma membrana que poderá acelerar o processo de cura de inflamações na cavidade oral. “Quando uma pessoa tem um processo inflamatório na região do periodonto ela pode perder o dente. Isso acontece em pessoas que têm higiene oral precária, muito comum no Nordeste. Desenvolvemos uma membrana de colágeno recoberta com mineral e uma substância que reduz a reação do organismo àquela membrana. Já tivemos bons resultados esse ano, inclusive, um trabalho científico aceito para publicação numa revista internacional de bom impacto”, conta a pesquisadora.

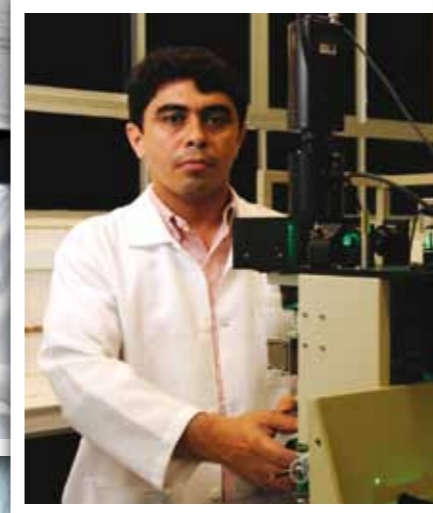
A estudiosa comenta ainda que



Prof. Aldo Lima: 56 biomarcadores e bioprodutos no combate às lesões intestinais são resultados de apenas um ano de pesquisas

a equipe projeta testes com a membrana e um medicamento, atualmente utilizado para redução dos níveis de colesterol, com o objetivo de ação anti-inflamatória. “A gente vai pegar essa membrana e infiltrá-la com estatina para ver se acelera a formação óssea. Ainda não foram feitos testes com estatina, mas a membrana já foi verificada em animais e vai ser vista em humanos. Acredito que daqui um ano ou dois vamos para a parte clínica”, presume.

A implantação dos Institutos trouxe perspectivas não somente para a criação de diferentes possibilidades de estudos. Trabalhos consagrados também vislumbram novos horizontes. É o caso das pesquisas conduzidas há mais de 30 anos, em parceria com a Universidade da Virgínia, nos Estados Unidos, no programa de Pós-Graduação em Farmacologia, da Faculdade de Medicina da UFC. A análise se dá na detecção dos fatores que causam diarreias, infecções intestinais e desnutrição em crianças, além da investigação de formas mais eficazes de diagnóstico e tratamento.



Prof. Antônio Gomes: prêmio internacional por pesquisas com nanotubos de carbono

Segundo o coordenador do Instituto, Prof. Aldo Lima, em apenas um ano de atividades em rede, os pesquisadores conseguiram desenvolver 56 novos biomarcadores e bioprodutos para detecção e tratamento de infecções e lesões intestinais. De acordo com ele, também estão sendo feitos testes com um leite de cabra transgênico, com possível atuação protetora de diarreias. “Dois bioprodutos do leite transgênico de cabra estão dentro do laboratório, em fase de avaliação, para saber se realmente possuem uma atividade protetora na diarreia. Esses leites possuem uma quantia bem acima de lisozima e estamos avaliando, em um nível pré-clínico, se essa enzima tem capacidade protetora. Os testes toxicológicos já foram feitos. No próximo semestre vamos poder colocar no nível pré-clínico outras duas substâncias que são alvo de ação na doença diarreica, que é a lactoferrina e uma proteína rica de glutamina e arginina, que tem o efeito de reparar a lesão intestinal”, afirma.

Estudos Ambientais

No Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Transferência de Materiais Continente-Oceano as observações se concentram na caracterização e quantificação das transferências de materiais continentais aos oceanos através das bacias de drenagem. Envolvendo mais de 40 pesquisadores e 13 instituições de ensino em todo o Brasil, o Instituto foca o maior volume de pesquisa, no Ceará, na bacia do rio Jaguaribe. “É a bacia mais importante do Estado e tem uma série de problemas interessantes a serem estudados. A maior parte do material continental é transferida através dos rios e, dentro desses materiais, você tem substâncias extremamente importantes para o funcionamento dos oceanos, como nutrientes. Infelizmente, por causa da intensa atividade antrópica nessas bacias de drenagem, hoje, você transporta também algumas substâncias contaminantes. A gente foca no estudo da transferência de nutrientes e contaminantes, principalmente metais e micropoluentes orgânicos originários da agricultura, da industrialização e da urbanização”, explica Luis Drude, coordenador do Instituto.

Desenvolvida há mais de 10 anos, no Instituto de Ciências do Mar (Labomar), a pesquisa foi dividida em duas fases: a primeira segue até 2012, e a segunda vai até janeiro de 2014. Segundo o coordenador, um dos resultados almejados após os estudos é fornecer suporte para a realização de políticas públicas voltadas para a interface continente-oceano. “A gente está avançando no conhecimento desses processos de interface e tem uma aplicabilidade muito grande. A bacia do Jaguaribe é, hoje, uma das mais afetadas por mudanças climáticas globais. Nota-se a diminuição da pluviosidade por conta do grande percentual de açudagem na bacia. Além disso, você tem o desen-

volvimento agrícola, principalmente de carnicultura que resulta num aporte muito elevado de nutrientes, principalmente nitrogênio fósforo. A ideia é usar os resultados dessas pesquisas para um uso sustentável da região costeira. O que falta às políticas públicas é esse embasamento científico”, aponta o coordenador.

Considerando outra vertente de problema ambiental, o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Salinidade (INCTSal) chama atenção para o processo de salinização do solo no semiárido brasileiro. “A exploração agrícola está dependendo cada vez mais da irrigação. No entanto, com a implantação dessas áreas irrigadas, surge um problema que é o uso de água salobra. À medida que você vai irrigando, se o solo não filtra bem, esse sal vai ser acumulado porque a água evapora e vai concentrar sais no solo. Se você bota uma planta num local com grande concentração de sais, ela não germina ou germina com deficiências”, relata Enéas Gomes Filho, pesquisador do Instituto.

Aprovado no ano passado, o Instituto abrange cinco linhas de estudo, “Fisiologia, bioquímica e genética do estresse salino”; “Diagnóstico e delimitação das áreas afetadas por sais e da água de irrigação”; “Tolerância à salinidade das espécies e cultivares usados na agricultura irrigada na região e melhoramento genético visando à produção de cultivares mais tolerantes à salinidade”, “Manejo e controle da salinidade no sistema solo, água, planta”; e “Recuperação e aproveitamento de áreas salinizadas”. Segundo ele, um dos primeiros resultados e principais objetivos do INCTSal, aprovado no ano passado, é a formação de pesquisadores no tema da salinidade. “Temos poucos pesquisadores produzindo e a complexidade do problema exige estudos multidisciplinares, a união da pesquisa básica com a aplicada, algo que o Instituto vem proporcionar”.

Há muitas diferenças na formação de futuros professores das áreas de Biologia, Física, Letras, Matemática, Música, Química e outros cursos. Só que também são substanciais as questões e desafios em comum, já que se tratam todas de Licenciaturas. Troca de experiências relativas ao exercício da docência, revisão de projetos pedagógicos e ampliação do contato com o Ensino Básico são princípios que norteiam o trabalho dos sujeitos envolvidos nos cursos de formação de professores da Universidade Federal

do Ceará. Para o futuro, há que se comemorar o sucesso do que vem sendo construído e rever metodologias para formar docentes mais seguros e que “vistam a camisa da licenciatura”.

Uma das iniciativas mais atuantes é o Grupo de Trabalho das Licenciaturas (GTL), vinculado à Pró-Reitoria de Graduação. “Na verdade, é uma coordenação da Faculdade de Educação (Faced) que possui inserção na Prograd. Ela reúne coordenadores de cursos e professores de disciplinas pedagógicas, de práticas de ensino e

estágio supervisionado das Licenciaturas, para discutir a qualidade dos cursos”, explica Carmensita Passos, professora da Faced e coordenadora do GTL. Uma mudança ocorrida gradualmente em todas as licenciaturas foi a inclusão da disciplina de Libras como obrigatória, exigência do Decreto-Lei nº 5.626/2005.

A UFC conta com 12 cursos presenciais de licenciatura, inclusive com expansão para os campi do Interior. Eles vêm, há tempos, realizando projetos em parceria com as Secretarias de

103 bolsistas da graduação, 22 professores-supervisores das escolas envolvidas, 11 professores da UFC como coordenadores, sendo um institucional e 10 de área. Estamos desenvolvendo dois projetos simultaneamente”, afirma a coordenadora. O leque de escolas atendidas também aumentou: aos Liceus do Conjunto Ceará e de Messejana, somam-se agora escolas do Bairro Ellery, Bom Jardim e Conjunto Alvorada. O curso de Filosofia do Campus da UFC no Cariri também ingressou na iniciativa em 2010.

“O futuro do Pibid na UFC é bastante promissor, pois o Governo Federal tem demonstrado compromisso. Graças a ele, traremos a escola para perto da Universidade, fazendo com que os seus professores sejam cofrmadores dos nossos alunos”, afirma a Profª Simone. E dá uma boa notícia. “Pelo menos cinco dos nossos 53 bolsistas iniciais na UFC graduaram-se e foram aprovados no concurso para professores do Estado. Um deles, inclusive, foi lotado na mesma escola em que era vinculado quando bolsista do Pibid”, orgulha-se.

Formação continuada

Além de potencializar a formação inicial, é preciso investir em formação continuada. Com essa perspectiva, foi criado, em 2003, o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada para as Humanidades (Humanas), vinculado ao Instituto UFC Virtual e à Rede Nacional de Formação Continuada de Professores. A coordenação geral fica a cargo da Profª Neyara Araújo, do Departamento de Ciências Sociais.

Assim como o Pibid, o Humanas também busca o estreitamento dos laços entre o conhecimento produzido na Universidade e a experiência docente na Escola Básica. O projeto inspira-se na metodologia da aprendizagem cooperativa, e oferta duas modalidades de formação: cursos de curta duração e a Especialização em Metodologia do Ensino das Ciências Humanas e Sociais. “O fato de ler novos conteúdos e de se reunir em cé-

lula é o diferencial, pois tentamos estimular o professor a ter autonomia intelectual. O fato de ser um curso da UFC também os deixa bastante empolgados, por virem do Ensino Básico de diversos municípios, alguns até da zona rural”, sintetiza a Profª Neyara.

A perspectiva é que o projeto tenha longevidade. Em breve, começará um trabalho com os professores de Ciências Humanas aprovados no concurso para o governo do Estado. “Quando se termina a graduação, vem aquela ideia do ‘estou formado’. Defendemos que a formação continuada não depende de um curso, depende do ‘em curso’, ou seja, algo que sempre pode melhorar.”, propõe a coordenadora.

Quando perguntada sobre o que o Humanas terá feito pela Educação Básica daqui a 10 anos, Milena Braz, doutoranda em Sociologia e uma das tutoras do curso de Especialização do Humanas é categórica. “A mudança de postura depende de cada um. Quase sempre, o professor para de procurar culpados e sente-se responsável e sujeito desse processo. Lança propostas e busca ações para modificar a realidade”.


Professores indígenas

Em 2006, foi criado na UFC o Curso de Magistério Indígena Tremembé Superior (MITS) e, em março deste ano, foi aprovado o Curso de Magistério Indígena Superior Intercultural dos Povos Pitaguary, Tapeba, Kanindé, Jenipapo-Kanindé e Anacé (MISI-PITAKAJÁ). Os nomes parecem com-

plicados, mas refletem a pluralidade das culturas envolvidas.

Segundo o Prof. Babi Fonteles, coordenador dos cursos e docente do Curso de Psicologia do Campus da UFC em Sobral, as formações são vitórias dos povos indígenas, que trabalharam em conjunto com pesquisadores da UFC e demandaram à UFC a transformação de projeto de extensão em curso de graduação. Ambos os cursos serão executados pelo Programa de Formação Superior e Apoio a Licenciaturas Indígenas (Prolind), do Ministério da Educação.

A turma do MITS, com previsão de conclusão em 2011, reúne 39 alunos. A do MISI-PITAKAJÁ, pela abrangência de etnias, disponibilizou 80 vagas e deve terminar em 2014. “Nossa metodologia já está consolidada dentro da Universidade. A educação escolar indígena é feita por um conjunto de atores: professores indígenas, alunos, famílias, lideranças. A presença das pessoas mais antigas faz o diálogo entre o saber acadêmico e os saberes tradicionais deles”, explica o coordenador.

Por ora, será preciso lutar pelo reconhecimento do diplomas, já que a discussão é tão nova que não conta com uma resolução do Conselho Nacional de Educação a respeito. A expectativa do coordenador é que seja criado, em 2012, um magistério indígena permanente, que gere outros em áreas diferentes, como Direito, Antropologia, Agroecologia e Medicina. 

PLANOS PARA A DOCÊNCIA

Licenciaturas da UFC unem-se em iniciativas para trocar experiências, estreitar laços com a escola pública e formar um perfil de professor mais completo

por Simone Faustino

Educação dos municípios e do Estado.

Em 2010, foram abertos os cursos noturnos de Letras – Inglês e Letras – Espanhol. Em 2011, é a vez da Licenciatura em Dança em Fortaleza e a de Educação Musical no Campus de Sobral. Mas a expansão também exige que se tenha cautela e procure superar dificuldades. “Para os próximos anos, teremos de superar a compreensão de que, para ser professor, basta dominar o conteúdo. É preciso conhecer a realidade escolar e a profissão que se irá exercer. Para isso acontecer, vão ter que mudar muitas cabeças, inclusive dos professores da graduação”, sentencia a Profª Carmensita Passos.

A Profª Vlória Borges, do Departamento de Letras Estrangeiras, assumiu a coordenação das licenciaturas noturnas em Letras – Inglês e Letras – Espanhol. De acordo com ela, a graduação em Letras é o curso com o maior número de alunos e habilitações de toda a UFC. Com a adesão ao Reuni, a demanda social por essas licenciaturas

de funcionamento noturno pôde ser atendida, através da abertura de 18 vagas para professor. Mas há diferenças: no curso mais antigo, o aluno sai licenciado em Português e uma Língua Estrangeira, com formação generalista. Já no curso noturno, o egresso sai licenciado somente na Língua Estrangeira, e as disciplinas são voltadas para o idioma e sua aplicação.

“Para o futuro, temos planos de implantar um bacharelado em cada uma das línguas, que seria o primeiro da UFC. Ele chegou a ser aprovado, mas não seria comportado pelos recursos do Reuni. Seria mais voltado para a tradução e a interpretação, com equivalência apenas em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Recife”, ressalta a coordenadora. Vlória afirma ainda que, em dois anos, os cursos noturnos devem se mudar definitivamente para um prédio próprio, que está sendo construído aqui na área 1 do Centro de Humanidades. “Pensamos em proporcionar uma formação que

atenda às demandas das mídias digitais e novas tecnologias didáticas. Assim, formaremos professores de língua estrangeira com um nível linguístico maior, conhecimentos mais aprofundados na sua área e uma base que contemple tudo isso”, propõe.

Há alguns projetos comuns a todos os cursos, como o Encontro de Práticas Docentes e o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). Este último é coordenado pela Profª Simone da Silveira, Vice-Diretora do Centro de Ciências, e coloca alunos das Licenciaturas (a partir do 3º semestre) para vivenciar 16 horas semanais de contato direto com a escola pública.

Os cursos envolvidos na primeira etapa do Pibid na UFC eram Biologia, Filosofia, Física, Letras, Matemática, Química. No Pibid 2009, iniciado agora em abril, foram incluídas as licenciaturas em Ciências Sociais, Pedagogia e Educação Musical. “Unindo o Pibid 2007 ao de 2009, contamos com



Magistério Indígena forma primeira turma em 2011. Já os cursos de línguas estrangeiras devem abrir a modalidade bacharelado



A UFC em 55 edições

Em meados de maio de 2000, durante a realização de uma entrevista com um professor e pesquisador reconhecido da UFC para a edição do primeiro número de *Universidade Pública (UP)*, nos deparamos com a seguinte observação: “Revista da Universidade? Ih! Não chega ao segundo número”. O comentário, analisado, rapidamente, e aos olhos de hoje, poderia ser taxado simplesmente como “pessimista”. Mas para quem há 10 anos tentava pensar qualquer projeto considerado “mais ousado” e, principalmente, que dependesse de financiamento contínuo para sua realização, encontrava no fracasso ou desistência uma possibilidade forte. Eram tempos de crise financeira, fracos investimentos públicos em educação. O acúmulo de dívidas e a impossibilidade de se pensar a Universidade, a longo prazo, limitavam sonhos e projetos por parte não só de gestores, mas de toda a comunidade acadêmica.

As dificuldades para o lançamento de uma publicação, em material de qualidade, pensada para ser distribuída gratuitamente entre setores da comunidade acadêmica e entre formadores de opinião no Estado, no entanto, não frustraram o projeto. Havia questões mais importantes em jogo, como relembra o fundador e primeiro editor da revista, atual coordenador de Comunicação Social e Marketing Institucional da UFC, Paulo Mamede. “A necessidade da Universidade de prestar contas com a sociedade sobre o que faz e produz. A urgência em publicizar e popularizar os resultados das pesquisas, progra-

mas de extensão e ações culturais. Era inadmissível que uma Instituição do porte da UFC não contasse com uma revista. Outro fator determinante foi a descoberta de que a Universidade não se conhecia. Muitas vezes, cursos do mesmo departamento não sabiam o que o outro produzia. Às vezes, no mesmo curso existiam barreiras intransponíveis”, comenta.

Cinquenta e cinco números depois, a captação de recursos através de convênios estabelecidos principalmente com entidades públicas, como

Criada há 10 anos, a revista Universidade Pública vem documentando o cotidiano da produção universitária e estimulando a comunidade acadêmica da UFC a pensar além-muros

por Ana Rita Fonteles



Banco do Nordeste, Banco do Brasil e Prefeitura Municipal de Fortaleza e Assembleia Legislativa, além do auxílio das fundações de apoio à UFC, como Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura (FCPC) e Centro de Treinamento e Desenvolvimento (Cetre-

de), mostraram-se imprescindíveis para essa empreitada. Assim foi possível manter, a cada dois meses, uma tiragem de cinco mil exemplares que hoje chega às casas de todos os professores da UFC, aos departamentos, faculdades e centros da Capital e Interior, além de ser distribuída entre as bancadas parlamentares e governos nos âmbitos municipal, estadual e federal, o conjunto das universidades públicas brasileiras, sindicatos e

todas as redações de jornais, rádios e TVs do Estado.

O então reitor da UFC, Roberto Cláudio Frota Bezerra, relembra o que lhe fez incentivar e colaborar com a criação de *UP*. “Duas características me atraíram: a de não ser

uma revista “chapa branca” da Reitoria, o que a tornaria “pequena” e de leitura enfadonha, e a de ser auto-financiada (haveria um esforço do editor para atrair instituições não universitárias que pudessem cobrir o custo de edição em troca de espaço publicitário institucional).

O formato e o conteúdo da publicação também se propunham, no mínimo, inusitados para uma comunidade acostumada a pensar revista, dentro da Universidade, apenas em moldes acadêmicos. No lugar de citações e notas de rodapé entrava em cena a linguagem jornalística. Reportagens, entrevistas, resenhas e artigos curtos procuravam documentar o dia a dia da academia, abrindo espaço para que professores, pesquisadores, estudantes, servidores e gestores narrassem suas atividades, projetos, opiniões, angústias e alternativas num momento de imensas dificuldades para a universidade brasileira.

A reportagem que ilustra a primeira capa de *Universidade Pública* revela bem a preocupação do momento. Com o título *Vale a pena ser cientista?*, a matéria buscava entender, a partir da fala de pesquisadores experientes ou iniciantes, as possibilidades e as motivações para a atividade científica no País. O texto analisava, entre outras coisas, a aplicação de verbas por parte do Ministério da Ciência e Tecnologia, num contexto de contingenciamento de recursos. “O Governo Federal parece ignorar o fato de que 90% da pesquisa científica no País é realizada nas universidades públicas, segundo dados do próprio Ministério da Educação”, denuncia a reportagem, que traz, ainda, avaliações como a do pesquisador da área de Química, Afrânio Craveiro, sobre o período delicado porque passava a Universidade. “Esse é um dos piores momentos que estamos passando, mas não sei se já chegamos ao fundo do poço”.

A crise de financiamento foi tema de várias reportagens nos primeiros tempos de *UP*. No início de 2004, na edição janeiro/fevereiro, voltamos ao assunto e tentamos mostrar *A cara*

da crise, saindo da perspectiva de constatação das dificuldades e procurando revelar como a comunidade acadêmica continuava produzindo. Histórias de superação e persistência brotaram de salas de aula e laboratórios. O medo do corte de energia, por conta das avolumadas dívidas da UFC, comprometer material de pesquisa de valor incalculável, juntava-se a iniciativas como a da professora de Farmácia que, na falta de placas para estudos de extratos vegetais, produziu alternativa mais barata a partir do amido de milho, ou de seu colega que improvisava equipamento laboratorial a partir de eletrodomésticos antigos.

Tratar das dificuldades mostrava-se necessário, mas, tampouco, poderia ser o único objetivo da publicação. A linha editorial explicitada desde o início, movia-se pela promoção e valorização da Universidade Federal do Ceará, “estimulando a discussão e a crítica no interior da academia, permitindo à comunidade universitária, através do conhecimento das virtudes e carências da UFC uma compreensão holística da Instituição, despertando, dessa forma, interna e externamente, a cumplicidade no zelo e no respeito pela universidade pública”, como descrito no primeiro editorial de *UP*.

Divulgar projetos de extensão, pesquisa, atividades culturais, publicação de livros e políticas de gestão, a partir de seu interesse para a melhoria das condições sociais, econômicas, culturais e científicas era o norte das discussões de pauta que passou a incorporar ao longo do tempo cada vez mais sugestões trazidas pela própria comunidade acadêmica. A verdade é que a redação de *UP* nunca teve problema de falta de assunto. “*UP* veio para fazer pontes, construir alianças, melhorar a autoestima da comunidade universitária. (...) Sem dúvida é um dos principais instrumentos de divulgação da UFC. Não é por acaso que o ministro da Educação, Fernando Haddad, cita a Revista. É comum uma salutar “briga” para ser pautado na revista. Outros

veículos de comunicação interna, tão importantes como *UP*, às vezes, são menosprezados, até mesmo, quando são mais eficazes. Isso se dá graças à constante busca pela qualidade que a marca a Revista desde o seu nascimento”, enfatiza Paulo Mamede.

Reportagens e entrevistas marcantes

Ao longo de seus 10 anos, *Universidade Pública*, teve a possibilidade de abordar temas e personagens de extrema importância para a construção do ensino, pesquisa, extensão e pensamento social e cultural, em termos locais, nacionais e internacionais. Praticamente todos os secretários de Ensino Superior do Ministério da Educação foram entrevistados sobre as políticas pensadas e realizadas para as universidades federais. Os reitores que administraram a UFC, no período, também explicitaram suas ideias e planejamento para a condução da Universidade, além de diferentes presidentes da Capes, CNPq e Andifes.

Foi para a terceira edição de *UP* (outubro/novembro de 2000) que o economista e cientista social Celso Furtado concedeu uma das últimas entrevistas antes de falecer. Ele recebeu nossa equipe em sua casa, no Rio de Janeiro, e discutiu temas como especulação financeira, a formação de blocos econômicos como a Alca, reforma agrária e desenvolvimento regional. Entre as preocupações manifestadas por ele estava a baixa qualificação do trabalhador brasileiro. “O grande atraso do Brasil está em ter investido pouco no homem. É impressionante o baixo nível de formação do trabalhador brasileiro, do homem brasileiro”.

Outros pensadores e cientistas, das mais diversas áreas, também passaram pelas páginas de *UP*, como o físico e divulgador científico Marcelo Gleiser, o ex-presidente da SBPC, Ênio Candotti, o Prof. Francisco José de Abreu Matos, criador do Projeto Farmácia Viva, Expedito



O primeiro número de *UP* trazia reportagem de capa sobre as barreiras enfrentadas por cientistas para desenvolver suas pesquisas, num contexto de crise de financiamento para a educação

Parente, inventor do biodiesel, a socióloga da UnB, Bárbara Freitag, o historiador Alessandro Portelli, além de militantes sociais e políticos como João Pedro Stédile (MST), Mário Albuquerque (Anistia 64/68) e artistas como Estrigas, Descartes Gadelha e o cartunista Angeli.

As reportagens trabalhadas pela equipe de *UP* centram-se, majoritariamente, entre o cotidiano acadêmico e políticas de gestão, mas é nítido que nos últimos anos a revista vem também pensando questões extramuros sem perder o olhar acadêmico. Assim, nossas reportagens de capa já colocaram em pauta o ensino de Medicina (agosto/setembro de 2000), mas também já abordaram temas como *Pesca e Pescadores no Ceará* (dezembro de 2001), *Vestígios da Pré-História* (novembro/dezembro 2003), sobre sítios arqueológicos no Estado, e o *Direito à diferença*, onde a homofobia e o respeito aos homossexuais era a principal questão.

A abordagem de temas da nossa história também se fez presente em

grandes reportagens que trouxeram dados inéditos e recuperaram personagens e períodos vistos sob um ponto de vista local, como a reportagem do número 40 (novembro/dezembro 2007), que abordou “O Estado Novo no Ceará”. Para a sua realização, o então repórter de *UP*, Raimundo Madeira, analisou documentos e livros sobre o período, conversou com historiadores e testemunhas do regime instaurado por Getúlio Vargas, produzindo um rico material de cerca de 30 páginas que, no trabalho de edição, tivemos de reduzir a oito.

O texto caudaloso e sensível de Madeira produziu, ainda, uma das reportagens de maior repercussão na história da publicação. “A lição do mandacaru” (maio/junho de 2008) que narrava as trajetórias dos alunos moradores de residências estudantis na

UFC. A partir de uma carta escrita por Cláudia Mont’Alverne, psicóloga da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, nossa equipe viajou a 10 cidades cearenses e conversou com 12 famílias desses alunos para contar suas histórias de dificuldades, perseverança e superação constantes.

O trabalho também marcou o repórter. “Na revista *Universidade Pública* tive oportunidades que não se encontram com facilidade em outros veículos, como dar o aprofundamento necessário a reportagens. Cheguei a bater um recorde na revista, escrevendo uma matéria de dez páginas sobre as belas histórias de estudantes que nasceram na Região Metropolitana de Fortaleza e no Interior do Ceará, superaram diversas dificuldades e conseguiram chegar à Universidade. Foi um dos mais gratificantes trabalhos que já fiz em 11 anos de profissão”, diz Raimundo Madeira.

Repercussão

O cuidado com o conteúdo e a busca por explorar temas inéditos e de repercussão ou mesmo revelar uma produção acadêmica que beneficia milhares de pessoas no Estado

transformou *UP*. De produção jornalística, a revista acabou tornando-se material didático utilizado por professores da rede pública ou mesmo objeto de desejo de colecionadores.

Uma dessas pessoas que esperam ansiosamente cada edição de *UP* é a servidora técnico-administrativa Edna Maia. Há 31 anos na UFC, ela ainda se entusiasma ao descobrir aspectos inesperados da produção acadêmica da Instituição. Sua relação com a revista é um caso de amor. “Se precisarem, numa gincana, tenho todas. A primeira revista chegou ao Centro de Humanidades e já fiquei encantada. Tinha o cuidado de levar para casa. Eu era professora de História e Geografia em escola pública e sempre estava informando os alunos sobre a Universidade”. Edna gosta especialmente das matérias sobre projetos da UFC que se constituem em serviços à população e gostaria de ver ainda mais matérias sobre saúde em *UP*.

Servidora do setor de Assuntos Internacionais, ela também é responsável pelo envio da revista para embaixadas e universidades com as quais a UFC mantém convênios em todo o mundo. Orgulhosa, mostra a pasta onde arquiva telegramas e

ofícios de agradecimento vindos de países como Espanha, Portugal, Moçambique, Argentina, Bolívia, Colômbia, África do Sul, Venezuela, Bulgária, República de Camarões, Canadá, entre outros.

Leitor e fonte recorrente da Revista, o professor do Departamento de Física da UFC, Antônio Gomes Souza Filho, também gosta de ler sobre projetos da UFC. “A principal contribuição está no fato de que a revista divulga a UFC na sociedade e contextualiza seu papel na vida das pessoas. Algumas reportagens mostram isso de forma clara, quando são apresentados projetos de extensão e de pesquisa onde a sociedade participa dos resultados e usufruiu das melhorias”.

A professora da Faculdade de Medicina e presidente da Associação dos Docentes da UFC, Neile Torres, destaca a cobertura de *UP* sobre a produção na área de saúde na Universidade. “A revista procura cobrir todas as áreas da UFC, tendo se voltado para a área da saúde sobre temas importantes, como a implantação do novo currículo do Curso de Medicina, logo no início da sua publicação, os avanços nos transplantes de órgãos, as mudanças na gestão dos hospitais universitários



1. Celso Furtado foi o entrevistado do número 3 de *UP*

2. A reportagem sobre o Estado Novo gerou material de 30 páginas, condensadas em oito, no n.40

3. Para fazer a reportagem *A Lição do Mandacaru*, nossa equipe percorreu 10 municípios cearenses em 2008



A partir do número 44, *Universidade Pública* passa por reforma gráfica para tornar a leitura mais leve e atraente

Os próximos anos


e mais recentemente sobre a inserção dos cursos da área da saúde no SUS”.

A publicação enviada aos gabinetes de parlamentares tem embasado pronunciamentos e projetos que beneficiaram a UFC ao longo da década. O senador Inácio Arruda (PCdoB-CE) revela-se leitor junto a sua equipe. “Nosso gabinete a utiliza com frequência quando se trata da atualização do conhecimento acerca da dinâmica universitária e da ciência e sua aplicação no desenvolvimento regional. Um exemplo foram as várias matérias publicadas na revista sobre o Programa de Educação Tutorial que nos alertaram sobre a necessidade de apresentação de um Projeto de Lei que fortalecesse e institucionalizasse o PET, hoje uma realidade”.

A opção pela manutenção de um conteúdo pautado pelas grandes reportagens, o zelo com a escolha dos entrevistados e a manutenção de matérias em áreas específicas de atuação da Universidade como ensino, pesquisa, extensão e cultura, alia-se ao aperfeiçoamento gráfico da publicação. Desde a edição de número 44 (julho/agosto de 2008), *UP* estreou nova roupagem com design gráfico modernizado, com o objetivo de tornar a leitura mais leve e atraente. A proposta partiu do designer Diego Normandi, publicitário formado na UFC.

Trabalhar com prata da casa, aliás, é uma opção de *UP*. Todos os jornalistas que até hoje constituíram sua equipe foram formados pela Instituição. Outra forma de privilegiar a produção acadêmica foi a publicação, a partir do número 41 (janeiro/fevereiro de 2008), na última página da revista, da seção Eureka!. A produção da Oficina de Quadrinhos, projeto de extensão da UFC, é coordenada pelo Prof. Ricardo Jorge de Lucena, do Departamento de Comunicação Social. “É um desafio bastante interessante: unir o mundo acadêmico (que

apenas mais recentemente se rendeu à cultura pop em geral) e o universo dos quadrinhos com conteúdo fora do padrão super-herói ou personagem infantil. Isso implica buscar fazer um humor mais inteligente e voltado para um universo de leitores de formações acadêmicas bem distintas. E, acreditem, às vezes, isso dá trabalho...”, comenta o professor sobre a experiência.

Boa parte dos números de *UP* encontra-se disponível na internet na página da UFC (www.ufc.br), o que vem ampliando a leitura por parte de servidores e estudantes, embora as edições da revista estejam disponíveis no sistema de bibliotecas da UFC, incluindo as extensões do Interior do Estado. Como desafios para os próximos anos, o coordenador de Comunicação Social e Marketing Institucional da UFC, Paulo Mamede, vislumbra a melhoria da versão digital, o aumento da tiragem da versão impressa, além da maior aproximação, em termos de conteúdo, de servidores e estudantes da UFC. “Os sonhos são muitos e são construídos a cada edição”, arremata. 

A UFC nos próximos 10 anos

A partir dos 10 anos da revista Universidade Pública e de planejamento estratégico recém-concluído, ouvimos especialistas, gestores e comunidade acadêmica para traçar perfil da UFC nos próximos 10 anos

Poder andar sem uniforme, com a roupa que quiser. Escrever em carteiras “de um braço só”, sem a mesinha típica dos primeiros anos da escola. E o que é melhor: estudar em salas geladinhas, com o ar-condicionado tinindo. É o que espera da universidade a pequena Marina Dias, 9 anos, estudante da 4ª série e futura “médica e veterinária” de Fortaleza. Onde pretende se formar? “Na UFC, porque eu já conheço e gosto”, resume a menina, que é filha da mestrandia em História pela Universidade Federal do Ceará, Débora Dias. Daqui a dez anos, Marina provavelmente estará chegando ao Ensino Superior. E mal sabe ela que, enquanto isso, a UFC prepara muito mais que um cenário com salas climatizadas e carteiras confortáveis para recebê-la.

Os contornos da Universidade de 2020 estão sendo desenhados desde agora. “No momento em que o Brasil cresce e se projeta como uma das maiores economias mundiais, nós precisamos parar para nos estruturarmos e planejarmos o futuro. É o que estamos fazendo”, explica o Reitor da UFC, Prof. Jesualdo Farias. Tendo como pano de fundo iniciativas como a Conferência Nacional de

Educação – promovida pelo Governo Federal para discutir todo o sistema de ensino do País para a próxima década –, a Instituição também prepara o terreno de sua expansão, tanto física quanto acadêmica.

Os desafios são inúmeros e se escondem até mesmo atrás de pequenos detalhes. “O ensino é ótimo, mas a gente esbarra em coisas básicas. No banheiro, por exemplo, são cinco cabines, mas três estão trancadas, uma sem porta e a que está aberta nunca tem papel higiênico”, relata a estudante Anna Alliny Câmara, do 2º semestre de Psicologia da UFC.

No curso de Letras-Inglês, a aluna do 5º semestre Débora Reis repara: “de um ano para cá, a mudança foi grande, a gente vê essas reformas nos prédios e blocos como um milagre, mas a estrutura física e a segurança ainda precisam melhorar. Há uma diferença grande de área pra área. Você olha pra Faculdade de Direito, por exemplo, e nota o contraste. Aqui, no Centro de Humanidades, a gente se sente meio discriminado”, desabafa.

A situação ao longo destes 55 anos de existência da UFC, entretanto, já foi bem pior. O Prof. Jesualdo Farias lembra que, há cerca de dez anos, até os banheiros da Faculdade de Economia, Administração, Atuária, Contabilidade e Secretariado (FEAAC) tiveram de ser “transformados” em salas de aula improvisadas, devido à escassez de investimentos no ensino superior público.

Após a intensificação de políticas de incentivo – como o Programa de Apoio à Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), do Executivo nacional –, a UFC tem conseguido, aos poucos, preencher suas lacunas estruturais. E é para evitar retrocessos, corrigir dis

torções e preparar uma instituição melhor para as novas gerações que se tem investido, nos últimos anos, em atividades de planejamento.

Em outubro de 2009, a Administração Superior da UFC finalizou seu mais recente Planejamento Estratégico, que contém a visão geral de futuro da instituição para os próximos 20 anos. Ainda deverão ser anexados ao documento os encaminhamentos definidos, no mês de março, no II Seminário de Gestão Acadêmica da UFC, fórum de discussão e avaliação que reuniu, durante dois dias, pró-reitores, chefes de departamento, coordenadores de cursos de graduação e de pós-graduação.

De acordo com o Prof. Jesualdo, uma nova rodada de reflexões será realizada a partir de agosto, quando outras metas, mais específicas, de longo prazo, deverão ser traçadas. “Como será a Universidade do futuro, na perspectiva de um possível Reuni 2? Vamos priorizar a expansão e construir novos campi ou expandir o que já temos? Que tipo de critério será utilizado nessas decisões? Isso tudo ainda será discutido”, explicou o Reitor.

Nas próximas páginas, *UP* busca adiantar algumas dessas respostas, tentando descobrir, afinal, qual será o lugar da UFC no Ceará e no Brasil de 2020.

Pesquisa para além dos muros

Em tempos de Internet, de redes sociais cada vez mais complexas e de altíssima velocidade na difusão do conhecimento, a produção científica e intelectual da Universidade está cada vez menos presa às prateleiras das unidades acadêmicas. Mas isso não significa, entretanto, que o resultado das centenas de pesquisas desenvolvidas nos laboratórios da UFC esteja chegando, de fato, aos diversos setores da sociedade.

Transformar o conhecimento teórico que sai da Instituição em produtos que possam ser aproveitados no

cotidiano da população configura-se em um dos principais desafios da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG) nos próximos anos. “A proposta é criar mais patentes e dar apoio aos professores que desejam fazê-lo. Atualmente, nós já promovemos isso, mas não de maneira sistemática”, pondera o titular da PRPPG, Prof. Gil de Aquino.

Para além de concretizar os resultados das pesquisas e beneficiar o País com novos produtos e processos científicos – seja na área de tecnologia, saúde e até mesmo ciências humanas –, a criação de patentes fortalece a Universidade. Conforme explica o Prof. Gil, até pouco tempo atrás, o pesquisador precisava procurar outras entidades para custear a obtenção da patente – o que costumava gerar problemas jurídicos, uma vez que todo o trabalho havia sido produzido com suporte das salas de aula de laboratórios da UFC.

De olho no potencial desse setor, a Instituição já deu o primeiro passo para superar essa deficiência. Em abril deste ano, o Conselho Universitário (Consuni) decidiu “ressuscitar” o antigo Núcleo de Apoio à Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia (NAPITT), criado ainda em 2004 para estimular os processos de patenteamento na UFC. No ano passado, cerca de 10 patentes foram obtidas. A expectativa é que, a partir de agora, com a reestruturação do Núcleo, esse número sofra acréscimos exponenciais.

Baseado em um dos modelos mais avançados do País, o da Universidade Federal de Minas Gerais, o NAPITT ganhará novo financiamento, estrutura física e equipe de trabalho – com advogados e profissionais de Comunicação Social –, atuando também com novas regras e organização.

Segundo o Prof. Gil, o Núcleo poderá começar a funcionar a partir de junho deste ano, no prédio da Pró-Reitoria. “Nós vamos dar o apoio legal para que o pesquisador faça tudo dentro da Lei de Inovação Tecnológica, permitindo que tanto ele quanto a UFC possam receber os recursos ad-

vindos da patente. A Universidade vai entrar em um novo patamar”, prevê.

Um total de R\$ 250 mil já foi concedido para a consolidação do NAPITT pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap). Segundo Aquino, até 2020, o Núcleo poderá expandir-se, funcionando em parceria com a Pró-Reitoria de Extensão da UFC.

Mas não só de patentes é feita a lista de desafios do setor de Pesquisa da Universidade. Expandir a Pós-Graduação no Interior do Estado também está entre as metas da Instituição para os próximos anos. “Assim, você cria uma filosofia de migração de pessoas da Capital para o Interior e acaba melhorando a qualidade de vida nos municípios. As pesquisas se aproximam da realidade local e sempre buscam resolver problemas da região”, considera Gil de Aquino.

A UFC estuda a implantação, por

exemplo, de um Centro de Paleontologia na região do Cariri, onde está um dos campi da Universidade. O objetivo é atuar com estudos e pesquisas em parceria com o Geopark Nacional da Bacia do Araripe, que tem como objetivo proteger a reserva de fósseis existente no local. Além da abertura de novos cursos de mestrado e doutorado fora da Capital, “é dessa maneira que a Pós-Graduação pode chegar a todo o Ceará”, destaca o Pró-Reitor. A UFC articula apoio do Ministério da Ciência e Tecnologia para viabilizar o Centro.

Graduação de excelência

Saindo da seara da pesquisa e chegando a outro dos principais elementos que formam o tripé-básico da Universidade – o ensino –, a gama de desafios para o futuro torna-se ainda mais complexa. Isso porque, com

a expansão do Ensino Superior e o conseqüente incremento no número de vagas, deverá haver cada vez mais jovens matriculados em cursos de graduação, nos próximos anos.

Aumentar esse contingente tem sido prioridade do Ministério da Educação (MEC), já que ainda é pequena a quantidade de brasileiros com acesso à universidade. Para se ter ideia, de acordo com dados da última Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio (PNAD), o Ceará tinha, em 2008, apenas 6,17% de pessoas maiores de 25 anos com formação superior – taxa inferior à média nacional, calculada em 10%, naquele ano.

Além dos esforços para melhorar esse índice, também é intenção do MEC democratizar o Ensino Superior público. Uma das maneiras de atingir o objetivo, segundo o entendimento do Ministério, é modificar o processo seletivo das universidades, acabando com o modelo conteudista do vestibular tradicional – considerado excludente – e implementando o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), mais reflexivo e indutor do raciocínio lógico. A novidade já foi adotada por mais de 50 instituições em todo o País, dentre elas a UFC.

Com isso, a expectativa do Governo é que, a médio e longo prazos, mais estudantes de escola pública

consigam um lugar ao sol em cursos de graduação, o que pode provocar alterações no quadro discente das universidades. Acontece que, caso não haja melhorias na qualidade da Educação Básica, há riscos de o nível de ensino nas universidades também ser afetado por essas deficiências.

Forma-se, portanto, um cenário desafiador: com cada vez mais alunos e, possivelmente, com um perfil diferenciado desses estudantes, como a UFC deve se pre-

INVESTIMENTOS EM TI AUXILIARÃO PLANEJAMENTO

A máxima popular lembra que, para calcular o futuro, é preciso conhecer o presente. E para ter bons diagnósticos sobre a realidade atual, faz-se necessário ter dados precisos. A UFC incorporou essas premissas e, pela primeira vez, investe em uma ferramenta que irá auxiliar, e muito, seu planejamento estratégico: a Tecnologia da Informação (TI).

Um convênio com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) está trazendo à entidade o Sistema Integrado de Informação Institucional (SI3), um software que permitirá à UFC localizar dados acadêmicos, realizar matrículas, criar estatísticas sobre atividades de ensino, pesquisa e extensão e promover, de forma informatizada, rápida e segura, tarefas que hoje demandam tempo e paciência à comunidade universitária.

A proposta do novo Sistema é integrar e reunir, no mesmo “pacote”, todas as informações que circulam na entidade, evitando conflitos e defasagem entre as mesmas. Para entender que tipo de mudança ocorrerá a partir do SI3, basta atentar para a forma como a coleta de dados é feita, atualmente, na Universidade. “Hoje nossos dados estão dispersos em diferentes sistemas virtuais, isolados. A proposta é acabar com esse modelo”, explicou o diretor do Núcleo de Processamento de Dados (NPD), Prof. Javam Machado.

As dificuldades em criar estatísticas e identificar informações relevantes acabam emperrando o planejamento da Instituição. “Como é que se planeja sem fazer avaliação? Sem ter dados consistentes para isso?”, questionou o Reitor Jesualdo Farias. A expectativa é que, a partir deste ano, com instalação de boa parte dos módulos do SI3, esses obstáculos sejam progressivamente superados.

Caso os planos de gestores se concretizem, Marina Dias, 9 anos, deve encontrar a UFC maior, com dados mais organizados e ainda mais próxima da sociedade através do ensino, pesquisa e extensão



parar para garantir um bom atendimento a todos, sem comprometer a qualidade de sua graduação?

O Reitor Jesualdo Farias reforça que o bom andamento de todas essas mudanças dependerá, sobretudo, dos investimentos do MEC no aperfeiçoamento do Ensino Médio, principalmente na rede pública – vantagem que pode ser obtida, inclusive, através do próprio Enem. “Mas não adianta nós ficarmos apenas cobrando o Governo, a UFC tem de fazer sua parte. Somos nós que formamos os professores que hoje dão aula nas escolas, então também temos responsabilidade nesse processo”, admite.

Uma das principais metas da Instituição é, portanto, investir na qualidade das licenciaturas e fortalecer o diálogo da Universidade com os profissionais que atuam nas unidades de ensino. Segundo o Reitor, uma parceria entre a UFC e a Secretaria de Educação do Estado (Seduc) pretende criar um fórum permanente de discussões entre as duas partes, inclusive com estrutura física própria na Universidade, para favorecer a troca de experiências.

O Pró-Reitor de Graduação, Prof. Custódio Almeida, destaca que essa relação já vem sendo intensificada, através de uma comissão formada entre professores da UFC e do Ensino Médio para debater o Enem. “No futuro, a ideia é criar uma espécie de Centro de Formação Docente que desenvolva atividades conjuntas, em prol da escola básica e da própria Universidade. Estamos caminhando para institucionalizar essa ação”, explicou.

Outra iniciativa que promete se expandir com vistas à melhoria do ensino e da formação de professores é o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), também promovido pelo MEC. O objetivo é proporcionar aos universitários, através de estágios remunerados, treinamento intensivo em escolas públicas, em disciplinas como Química, Física, Português, Filosofia, Matemática, Biologia etc. Além da Capital, três unidades de ensino

da região do Cariri também estão envolvidas na iniciativa.

A extensão como elo

Além de ser uma meta da área de graduação, a formação de professores também é um dos principais pilares da política extensionista da UFC. “Temos feito uma série de parcerias com o poder público, com cursos de aperfeiçoamento tanto presenciais quanto a distância, principalmente em áreas de maior exclusão social. Mas a demanda está longe de ser atendida”, diagnostica o Pró-Reitor de Extensão da UFC, Prof. Antônio Salvador da Rocha.

E como se não bastasse essa necessidade, o setor ainda enfrenta obstáculos primários a serem superados nos próximos anos – grande parte deles, entretanto, com soluções já encaminhadas. Integrar suas atividades à dos diferentes setores da Universidade é um dos exemplos.

A principal meta da Extensão é fazer com que ela cumpra, com eficácia, seu papel essencial: chegar aos diversos setores da sociedade, “capacitando o estudante e, ao mesmo tempo, modificando o meio”. Para isso, explica Salvador, é preciso otimizar esforços e integrar as ações de Extensão, bem como interligá-las também às atividades de Pesquisa – que, geralmente, se debruçam sobre temas semelhantes.

Segundo Salvador, existem atualmente mais de 700 projetos de Extensão cadastrados. “O problema é que, fora esses, há muitos outros acontecendo informalmente, por iniciativa própria dos professores e alunos. Daí, o que ocorre é que as ações acabam se repetindo, ‘batendo cabeça’. É preciso institucionalizar e integrar esses projetos, para que a Universidade possa de fato acompanhá-los e gerenciá-los”, ressalta.

Nesse sentido, o pontapé inicial já foi dado: a Pró-Reitoria de Extensão da UFC informatizou todo o processo de cadastro e acompanhamento dos projetos. “Além de facilitar a institucionalização das iniciativas, isso ajuda no nosso planejamento”, comemora Salvador. Ademais, a UFC também está rees-

truturando seu “Bureau de Prestação de Serviços”, que já existia “no papel”, mas sem funcionar adequadamente. Trata-se de um projeto de gerenciamento de informações de todos os laboratórios que abrigam ações de Extensão, favorecendo uma visualização ampla da Pró-Reitoria acerca das iniciativas promovidas pela Universidade.

Outro desafio é estimular a criação de projetos em áreas do conhecimento que, hoje, são carentes de iniciativas que extrapolem as fronteiras das unidades acadêmicas. Segundo Salvador, saúde, tecnologia e formação de professores são atualmente os principais focos dos projetos da UFC. Por outro lado, Direitos Humanos e Comunicação Social mereceriam atenção especial.

Inclusão e acessibilidade

Em paralelo ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão, a UFC também se prepara para receber com qualidade um público outrora invisível e praticamente excluído da sociedade, mas que, aos poucos, tem conquistado novos espaços, tornando-se cada vez mais presente também no Ensino Superior: as pessoas com deficiência. Pela primeira vez na história da Instituição, uma comissão especial foi criada para elaborar um Plano de Acessibilidade, documento que deverá nortear a execução de políticas institucionais voltadas para cegos, surdos, cadeirantes, dentre outros.

Até a criação da Comissão Especial de Educação Inclusiva (CEIn), em novembro de 2009, a UFC contava apenas com projetos pontuais no setor. Desta vez, o objetivo é institucionalizar a causa, com ações permanentes de adaptação física, formação de professores e servidores técnico-administrativos etc.

De acordo com a coordenadora da CEIn, Prof^a. Vanda Leitão, a principal proposta do Plano de Acessibilidade – marcado para ser entregue em junho deste ano – é a instalação de uma Coordenadoria especial, vinculada ao Gabinete do Reitor, para cuidar exclusivamente das ações da

PALAVRA DO ESPECIALISTA: OS AVANÇOS SERÃO IRREVERSÍVEIS

No País em que as políticas públicas costumam sofrer radicais alterações de um governo para outro, o futuro do Ensino Superior brasileiro, hoje em expansão, estaria em risco, certo? Não necessariamente. Perspectivas otimistas em relação ao destino das universidades brasileiras são defendidas pelo Doutor em História e Filosofia da Educação Jaime Giolo, que também é Vice-Reitor da Universidade Federal da Fronteira Sul, no Rio Grande do Sul.

Para o especialista, a tendência é que os investimentos em graduação e pós-graduação públicas sejam cada vez mais volumosos daqui para frente. “Nós estamos em uma fase de posicionamento do Brasil no panorama internacional e isso repercute fortemente em toda a estrutura da economia e das instituições nacionais. Para dar suporte a essa nova potência emergente, os governos terão de apostar em ciência, tecnologia, pesquisa e cultura – o que, no Brasil, é tocado essencialmente pelas universidades”, avalia.

Questionado sobre o fator “vontade política”, responsável pela variação da importância que o Ensino Superior terá, futuramente, no Orçamento global da União, Giolo explica que as decisões políticas geralmente acompanham os movimentos da economia. “As próprias empresas, estatais ou privadas, exigirão profissionais mais capacitados, desenvolvimento de pesquisas e geração de conhecimento. Os governantes não terão alternativa, a não ser investir nisso. Não haverá outra escolha. Deveremos viver uma época de ouro na educação brasileira”, prevê.

Ainda de acordo com o pesquisador, o único fenômeno que poderia colocar em xeque a expansão das universidades seria um retrocesso econômico no País, a ponto de jogá-lo nas piores posições do ranking econômico. “Do contrário, se o Brasil quiser se consolidar no cenário internacional, terá de investir cada vez mais na educação da população”, sugere progressivamente superados.



UFC na área de acessibilidade, buscando sanar uma dívida história da Universidade com aquele público.

Além disso, segundo a Prof^a. Vanda, iniciativas como a de promover reformas e adaptações arquitetônicas nos campi, estimular a pesquisa na área através de bolsas de estudos e incluir disciplinas sobre o atendimento a pessoas com deficiência na grade curricular dos cursos também estão no rol de desafios que esse segmento reserva para a UFC do futuro.

Dever de casa

Apesar de ponderar que o volume de recursos do qual a Universidade disporá na próxima década ainda é incerto (ver quadro) – e que dele, essencialmente, depende parte da realização dos “sonhos” da UFC – o Reitor Jesualdo Farias considera que a Instituição tem feito sua parte.

Ele reconhece que, mesmo com os avanços verificados nos últimos anos, ainda são muitas as “carências” da maior universidade do Ceará. “Caberá a nós, gestores, não deixar de correr atrás de recursos. Os reitores das universidades federais têm de continuar pleiteando junto ao Go-

O II Seminário de Gestão Acadêmica, realizado em março deste ano, reuniu a Administração Superior da UFC e diretores de unidades acadêmicas. O evento produziu sugestões para o planejamento estratégico da Universidade

verno Federal, para que surjam novos programas de expansão”, sugere.

Embora sejam muitas as incertezas, uma coisa é tida como certa: a UFC não poderá deixar de responder aos anseios da população cearense. Voltando-se ao passado, o Prof. Jesualdo lembra que, mesmo em contextos mais difíceis que o atual, “a Universidade não deixou de crescer, de abrir cursos. Foi a sinalização pra sociedade de que a UFC, apesar das dificuldades, estava respondendo à demanda justa de aumentar suas vagas”. Uma perspectiva positiva abre-se, portanto, para os anos que estão por vir.

UFC: SEM FRONTEIRAS

A Internet consolidou no século XXI o que analistas internacionais esperavam desde a já distante década de 1980. O acesso à informação e ao conhecimento científico se tornou bem tão valioso quanto a robustez de uma economia nacional. Na rede, universidades de todo o globo partilham experiências acadêmicas e viabilizam diálogos numa redução de desigualdades regionais. Por aqui, a Universidade Federal do Ceará se consolida, a cada ano, como imenso laboratório de troca de costumes e cultura entre diversas nações a partir do intercâmbio de estudantes estrangeiros.

Se em 2003 a Coordenadoria de Assuntos Internacionais (CAI) da UFC não tinha todas as condições para estimular a mobilidade de seus estudantes e professores em instituições de outros países, já se sabia que esse caminho seria inevitável com o passar da década. Atualmente, 202 estudantes de diversas nacionalidades são alunos da UFC, incluindo nove residentes médicos de Cabo Verde.

De olho nos inúmeros editais de programas de mobilidade e intercâmbio, não é difícil encontrar na UFC quem já arrumou as malas e viajou em busca de mais conhecimentos e novos horizontes. A publicitária Nayana Lemos, de 24 anos, estudou por seis meses, em 2008, na Universidad de Sevilla (Espanha), por meio de programa de mobilidade acadêmica internacional livre. Quando

Número de estudantes estrangeiros que cursam graduação na UFC cresce a cada ano. Fortalecer a internacionalização da Universidade é caminho inevitável para o seu reconhecimento acadêmico e científico

era estudante da UFC, a decisão por estudar na cidade espanhola não se deu à toa. “Tinha boas referências da Universidade e interesse em fazer disciplinas de audiovisual. Uma das disciplinas, Comunicación Intercultural, foi escolhida especificamente para a minha monografia, e as demais eu fiz porque gosto de cinema e aqui não tínhamos, na época, acesso a disciplinas dessa área”, explica. A publicitária acredita que trouxe na mala outras conquistas. “Foi a melhor experiência que tive em toda a trajetória acadêmica. Valeu muito a pena, não só pelo aperfeiçoamento do idioma e pelos conteúdos das disciplinas, mas pela experiência de uma outra cultura, de outros costumes.”

Hoje, 115 alunos da UFC cursam disciplinas em universidades estrangeiras. Vinte e seis são bolsistas do Programa Erasmus Mundus e 63 estão em mobilidade livre. Segundo dados da CAI, desde 2003, pelo menos 568 alunos da UFC já fizeram intercâmbio. Durante o mesmo período, o caminho inverso foi feito por 650 estrangeiros.

A UFC é referência no País por receber grande número de jovens africanos do Programa Estudantes-Convênio Graduação (PEC-G), que visa à formação profissional e acadêmica, em universidades brasileiras, de jovens da América Latina, África, Caribe e algumas nações da Ásia. Objeto de tratado do governo brasileiro, o Programa tem mais de 70 anos, e começou na UFC em 1974. Hoje, 136 alunos PEC-G estudam na UFC. Para estimular a permanência de alguns deles, o Ministério da Educação ainda mantém bolsas de estudo do Projeto Milton Santos de Acesso ao Ensino Superior (Promisae), destinadas a estudantes de países com índice de desenvolvimento humano (IDH) deficitário.

A guineense Ivanilde Sebastião Pereira Cassamá, de 28 anos, deixou seu país, em 2005, para fazer Psicologia na UFC, graduação inexistente na Guiné-Bissau naquela época. Já no último semestre, Ivanilde faz estágio no Centro de Atenção Psicossocial (Caps) e quer, com os co-

nhecimentos aqui adquiridos, ajudar a melhorar a vida dos habitantes de seu país de origem. “Pretendo levar comigo esse trabalho de equipe multiprofissional do Caps, para fazer a reforma psiquiátrica lá e trabalhar para o bem da população da Guiné-Bissau”, explica.

Segundo a Profa. Maria Elias Soares, à frente da CAI desde 2003, a Instituição mantém convênio com 125 universidades ao redor do mundo. Esse número só aumenta, já que, em maio, o Embaixador da Itália no Brasil, Gherardo La Francesca, esteve na UFC em ato para consolidar parcerias com instituições de ensino italianas. Até maio de 2010, oito novos acordos foram assinados entre a UFC e instituições e governos internacionais.

De acordo com Maria Elias, intercâmbios de estudantes e professores são mais fáceis de acontecer quando, antes de parcerias entre instituições, há acordos bilaterais entre países. A Coordenadora diz que sobra interessados em estudar fora do Brasil, mas a falta de financiamento para intercâmbio é um dos entraves. “Muita gente quer ir, mas não tem como se manter. Quando se tem bolsa, o programa fica interessante. Por isso a importância das parcerias entre governos.” Segundo ela, o fato de o Brasil ter uma agência de fomento como Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) ajuda muito, porque o órgão é direcionado para estabelecer essas relações. Além disso, “o Brasil tem sido percebido como um País com sistema educacional bastante certificado, a avaliação que é feita do ensino superior à pós-graduação já é uma referência no mundo, e isso gera grande interesse”, afirma Maria Elias.

Exemplo de sucesso se dá com o governo da França, que mantém programas de cooperação consolidados com o Brasil, como o de duplo diploma de graduação, disponível na UFC para os cursos de Engenharia, há uma década. Na Universidade, somente o Centro de Tecnologia (CT) mantém uma espécie de mini-CAI, coordenada pelo Prof. João José Hiluy. “Mais

de 60 alunos dos diversos cursos de Engenharia do CT já participaram, seja para estudar, fazer especialização, garantir a formação científica e tecnológica ou, até mesmo, aprender um novo idioma, experimentar culturas diferentes, conhecer pessoas e lugares novos”, diz Hiluy sobre o programa. Em todo o hemisfério sul, a Universidade é pioneira na associação à rede das Écoles Centrales, tradicionais instituições francesas de formação de engenheiros.

Tanto sucesso pode ser explicado, segundo Hiluy, por uma estratégia traçada pelo CT em valorizar experiências internacionais vividas por seus professores e em estimular a participação de projetos da unidade acadêmica em programas parceiros da Capes, principalmente de países como França, Alemanha e Estados Unidos.

A experiência desenvolvida no CT, segundo Maria Elias, precisa ser replicada, nos próximos anos, nas demais unidades acadêmicas da Uni-

versidade para aumentar e estimular a mobilidade dos demais estudantes e professores da Instituição no exterior. “Cada aluno ou professor da UFC que vai estudar em universidade estrangeira é um embaixador, é a imagem da UFC lá fora. É por isso que recebemos muitos alunos da Escola Politécnica de Valência, da Espanha, porque muitos alunos nossos de Arquitetura e de Engenharia foram estudar lá.”

Para a Coordenadora, os próximos dez anos estimulam novos desafios para a UFC; é preciso atrair ainda mais a vinda de estudantes estrangeiros para a Instituição. Uma das estratégias seria a oferta de cursos no período de férias de outros países, a exemplo do que ocorre em várias universidades europeias. Cursos de Português para estrangeiros, se realizados regularmente com a chancela da Universidade, teriam papel essencial para a atração desses alunos e até mesmo de professores. “É preciso enxergar a internacionalização da UFC como prioridade, através de uma mudança de mentalidade de alunos e professores. Favorece ao Brasil ser vitrine no exterior, como ocorre atualmente através da diplomacia e da nossa economia, mas precisamos estar bem preparados”, assegura Maria Elias. ☺

A estudante de Psicologia, Ivanilde Cassamá, quer voltar à Guiné e auxiliar na reforma psiquiátrica. Já a publicitária Nayana Lemos (à direita) voltou da Espanha, com o que chama de melhor experiência da sua trajetória acadêmica



Pesquisa e serviço articulados

A saúde se destaca como área estratégica em todo mundo. A pesquisa tem mobilizado recursos e pessoal. Nesse contexto, a UFC entra na era da aplicação de novas descobertas e conhecimentos no tratamento e prevenção de doenças

A saúde se destaca como área estratégica em todo o mundo. A pesquisa tem mobilizado recursos e pessoal. Nesse contexto, a UFC entra na era da aplicação de novas descobertas e conhecimentos no tratamento e prevenção de doenças.

Área estratégica para governos e países, a saúde é um ramo que movimenta grandes cifras. Somente este ano, o governo de Barack Obama liberou R\$ 1 bilhão extra para estudos na área médica nos EUA. No Brasil, anúncio feito em março destacou que cerca de R\$ 7 milhões foram destinados pelo Ministério da Saúde para capacitação profissional no setor. Buscas de novos métodos de diagnósticos, elaboração de fármacos mais eficazes e que apresentem menos reações, compreensão mais acurada de enfermidades novas dentro da bibliografia médica ou de outras já velhas conhecidas, e desenvolvimento de novos tratamentos são alvo de políticas e iniciativas em todo o mundo e se constituem como um dos alvos prioritários em pesquisa e formação. Na UFC, esse campo, através de iniciativas e projetos, pressagia bons frutos – em curto, médio e longo prazo – tanto para academia quanto para sociedade em geral.

Uma das grandes promessas para a assistência à saúde na UFC é a consolidação do Complexo Hospitalar. Reunindo administrativamente o Hospital Universitário Walter Cantídio e a Maternidade

Escola Assis Chateaubriand, a iniciativa visa otimizar recursos e tornar mais eficaz a gestão das duas estruturas. Idealizado após estudo iniciado em 2008, pela Fundação Getúlio Vargas, através do Centro de Estudo de Planejamento e Gestão em Saúde (GV Saúde), em parceria com a UFC, a ideia sinaliza uma melhoria no aparato físico para atendimento à comunidade. “Hoje, na Maternidade e no HU você dispõe de uma parte administrativa, de compras, de contabilidade, de folha de pagamento. Como são duas unidades próximas fazendo praticamente a mesma coisa é razoável que você tenha um corpo só para essas mesmas atividades. A criação do que se chama de complexo parte dessa percepção de que é possível racionalizar o processo de gestão dessas unidades”, explica Wilson Rezende, consultor da Fundação Getúlio Vargas.

Para o Reitor Jesualdo Farias, o Complexo Hospitalar é “hoje o problema maior da UFC”. No entanto, ele destaca que um conjunto de ações efetivadas no sentido de superar as dificuldades financeiras, estruturais, tecnológicas e de pessoal, como a posse, em janeiro deste ano, do superintendente do Complexo – o cirurgião e especialista em gestão Florentino Cardoso – já começam a mostrar resultados positivos. “Antes mesmo de todas as mudanças propostas pela FGV serem implementadas, já conseguimos aumentar a arrecadação da Maternidade. Nossa projeção é que até o fim de junho toda a dívida da MEAC esteja sanada”, comemorou o Reitor. Para o HUWC, cujo volume da dívida ultrapassa os R\$ 12 milhões, a expectativa é que a pendência seja resolvida até o próximo ano. Para um futuro próximo, até 2012, após a realização de todas as recomendações da FGV, o Reitor aponta que o Complexo estará em situação superavitária. “Estaremos planejando a aplicação de recursos próprios do Hospital e Maternidade na melhoria da infraestrutura”.

produção da transtiretina. “Até por volta dos 25 anos essas pessoas não sentem nada. A manifestação da doença se dá então nessa fase. Se não se transplantar, o paciente pode evoluir para paralisia e óbito. É difícil encontrar pacientes com essa doença após 40 anos”, afirma.

produção da transtiretina.

O primeiro transplantado foi o jovem Fabrício Calheiros, 27, que havia desenvolvido PAF. Ele recebeu o órgão de um doador morto. O segundo transplantado foi Eliziário, vítima de cirrose, que recebeu o fígado retirado de Fabrício. Pouco frequente, a operação possibilitou que doador e receptor pudessem se encontrar e comemorar o sucesso das duas operações. “Sempre tive essa preocupação em pensar que alguém haveria de morrer para que eu ficasse vivo. Isso me deixava um pouco triste. Mas aí, quando soube que iria participar desse tipo de transplante, fiquei mais tranquilo”, afirma Eliziário. “É muito gratificante ter essa nova possibilidade de vida e dar também possibilidade para uma pessoa. Vamos manter o contato”, declara.

Segundo Huygens, os receptores do fígado do paciente vivo, nesses casos, devem ser pessoas acima dos 40 anos. “A legislação só permite transplantar pessoas com mais de 40 anos. Isso ocorre porque a manifestação da doença irá ocorrer nesse paciente por volta de 30 anos após o transplante”, detalha. Pelo nível de complexidade do procedimento, uma vez que duas pessoas estão sendo transplantadas ao mesmo tempo, a cirurgia envolveu sete cirurgiões e três anestesistas. Esta é a segunda vez que esse tipo de transplante é realizado no Estado. O primeiro ocorreu há quatro anos, também conduzido pela equipe do HUWC.

Ainda de acordo com o chefe do serviço de transplante de fígado a meta para este ano é de que sejam realizados 100 transplantes. Desde quando surgiu, em 2001, o serviço do Hospital

Ainda de acordo com o chefe do serviço de transplante de fígado a meta para este ano é de que sejam realizados 100 transplantes. Desde quando surgiu, em 2001, o serviço do Hospital

Transplantes

“Tenho um pedaço dele comigo. Agora somos irmãos”, resume Eliziário Teixeira Filho a sua emoção em poder conhecer o jovem Fabrício Calheiros. Recém-transplantados de fígado, eles integraram uma modalidade de cirurgia, realizada no último dia 27 de maio, pela equipe de transplante de fígado do Hospital Universitário Walter Cantídio, chamada Transplante Dominó, que possibilitou que dois pacientes, simultaneamente, recebessem um fígado cada.

O Transplante Dominó consiste na retirada do fígado de pacientes com uma doença chamada polineuropatia amiloidótica familiar (PAF), que recebem outro órgão de um doador morto. Simultaneamente, o fígado de paciente de PAF é transplantado para outro paciente, que aguardava na fila de transplantes. Também chamado de transplante repique, o método possibilita que pacientes em fase terminal, com cirrose ou câncer de fígado, tenham uma sobrevida maior.

A PAF é uma doença hereditária, que se caracteriza pela deposição nos nervos periféricos de uma fibra amiloide (pré-albumina anômala), produzida por uma deficiência enzimática do fígado. Como explica Huygens Garcia, chefe do setor de transplantes de fígado do HUWC, o órgão das pessoas que possuem essa doença é normal sob todos os aspectos, exceto no defeito metabólico da

Universitário já realizou mais de 460 transplantes. Atualmente, o HUWC é o maior centro de transplantes do Norte/Nordeste, ficando em terceiro lugar no ranking de transplantes do Brasil, atrás apenas do Hospital Albert Einstein (SP) e do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo. A equipe também está se preparando para realizar seu primeiro transplante de fígado do tipo split, no qual o órgão do doador adulto falecido será dividido em dois: 70% do fígado poderão ser transplantados em outro paciente adulto, enquanto os 30% restantes do órgão, referentes a seu segmento lateral esquerdo, se destinarão a uma criança que necessite do transplante.

Pesquisa

Outra realidade que se avizinha para o ramo da saúde da UFC vem através do impulso em pesquisa nas áreas de cardiologia e desenvolvimento de fármacos com a construção do Instituto de Ciências Médicas Paulo Marcelo Martins Rodrigues e do Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento de Medicamentos (NPDM).

Médicos do HUWC e os pacientes Eliziário Filho e Fabrício Calheiros (de boné), pioneiros do Transplante Dominó





O abatimento das dívidas é a principal meta para o avanço das atividades do Complexo Hospitalar na UFC

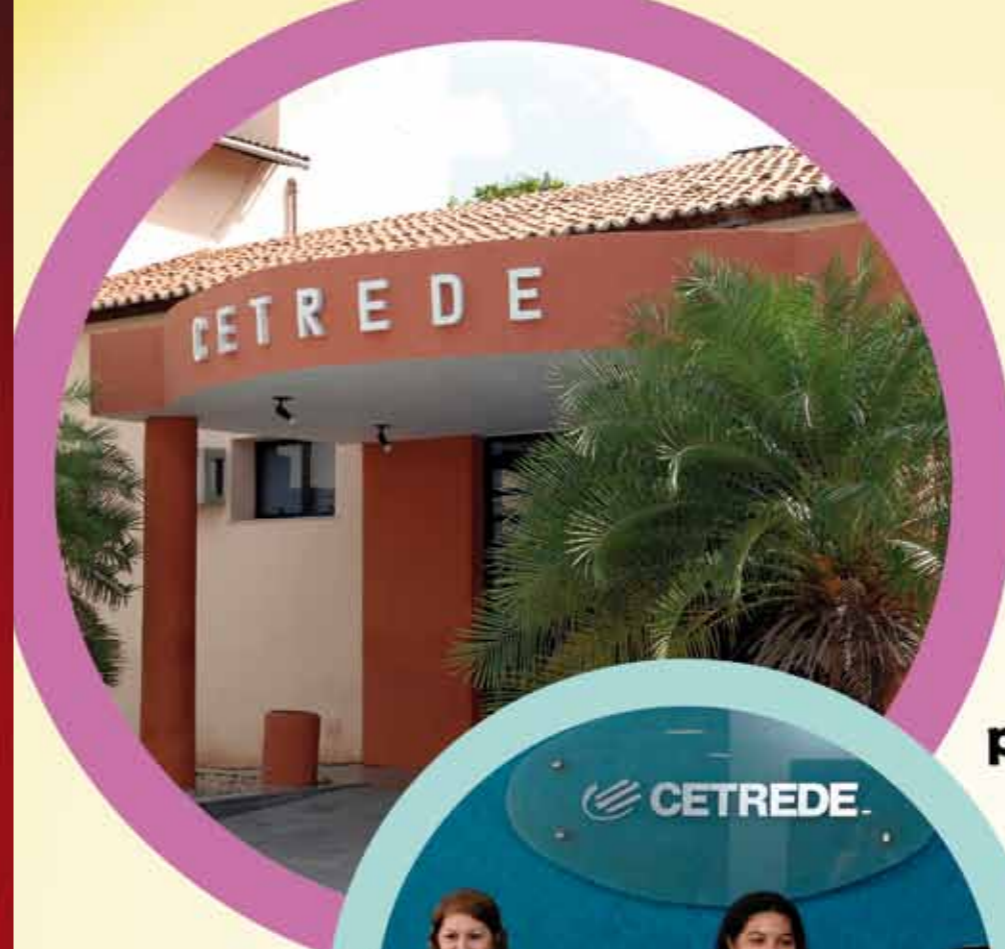
Estrutura que está sendo erguida nas proximidades da lagoa do Porangabuçu, o Instituto de Ciências Médicas Paulo Marcelo Martins Rodrigues tem como objetivo abrigar ensino, pesquisa e assistência, sendo referência nas regiões Norte e Nordeste. Segundo o coordenador do Instituto e chefe do Serviço de Cardiologia do Hospital Universitário Walter Cantídio, Carlos Alberto Martins Rodrigues Sobrinho, o local irá abrigar um hospital contendo 200 leitos; dedicado ao estudo do coração, suas afecções, e demais componentes do sistema circulatório. A nova estrutura, que irá duplicar a atual capacidade de assistência – serão realizadas cerca de 20 mil consultas por mês – terá todos os métodos de diagnósticos, como seis salas de ecocardiograma, duas salas de ergometria, uma sala de ressonância, uma de tomografia e uma de medicina nuclear. Profissionais e pacientes terão ainda à sua disposição 40 salas de consultório, oito salas cirúrgicas, 40 leitos de UTI, 160 leitos de internação, e um pronto-atendimento.

Na área de pesquisa, o centro vai agregar desenvolvimento de estudos multicêntricos e da área de Genética. Ademais, o ICM vai conectar pesquisa médica e pesquisa de tecnologia em saúde, com a implantação de um laboratório de Bioengenharia – parceria com o curso de Engenharia de Teleinformática – onde serão desenvolvidos equipamentos médicos. “Pretendemos desenvolver tecnologia para responder às nossas necessidades locais e regionais. A tendência é que, em três ou quatro anos, nós tenhamos o serviço de Cardiologia daqui como uma das referências tanto na assistência, quanto no ensino, como na pesquisa em doenças cardiovasculares”, explica Carlos Roberto.

Já o Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento de Medicamentos (NPDM) tem como objetivo oferecer novas perspectivas no desenvolvimento de medicamentos. A ideia é fornecer recursos científicos para, em parceria com a indústria farmacêutica, seja criado o primeiro fármaco genuinamente nacional. Sétimo mercado mundial em medicamentos, com receita de US\$ 11,3 bilhões, o Brasil ainda engatinha quando o assunto é pesquisa nesse setor: apesar de abrigar um corpo de pesquisadores de alto nível, ainda não conseguiu avançar no desenvolvimento de um medicamento 100% brasileiro.

Com a meta de conclusão das obras em 2011, o Núcleo contará com uma estrutura de cerca de 10 mil metros quadrados de área construída. No local, serão disponibilizados ambientes para realização de cirurgias experimentais, enfermarias com 64 leitos, 20 laboratórios, biotério e também um auditório para 180 pessoas. Segundo o Prof. Odorico Moraes, coordenador do Núcleo, a iniciativa deverá abrigar, inicialmente, pesquisas de mais 60 doutores da Universidade. “O Núcleo irá dar condições para que as pessoas que trabalham nessa área de pesquisa, desenvolvimento e inovação de medicamentos possam ter uma estrutura de trabalho que propicie o trabalho multidisciplinar. Hoje, cada um trabalha por si, separadamente, e isso faz com que, muitas vezes, o trabalho de pesquisa demore muito. Além disso, há as perspectivas de capacitação de recursos humanos dentro da universidade e de prestação de serviço para a sociedade”, afirma Odorico Moraes.

Prédio, em finalização, do futuro Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento de Medicamentos



O CETREDE
acredita que a
educação

é o caminho mais seguro
para a promoção do
crescimento social.

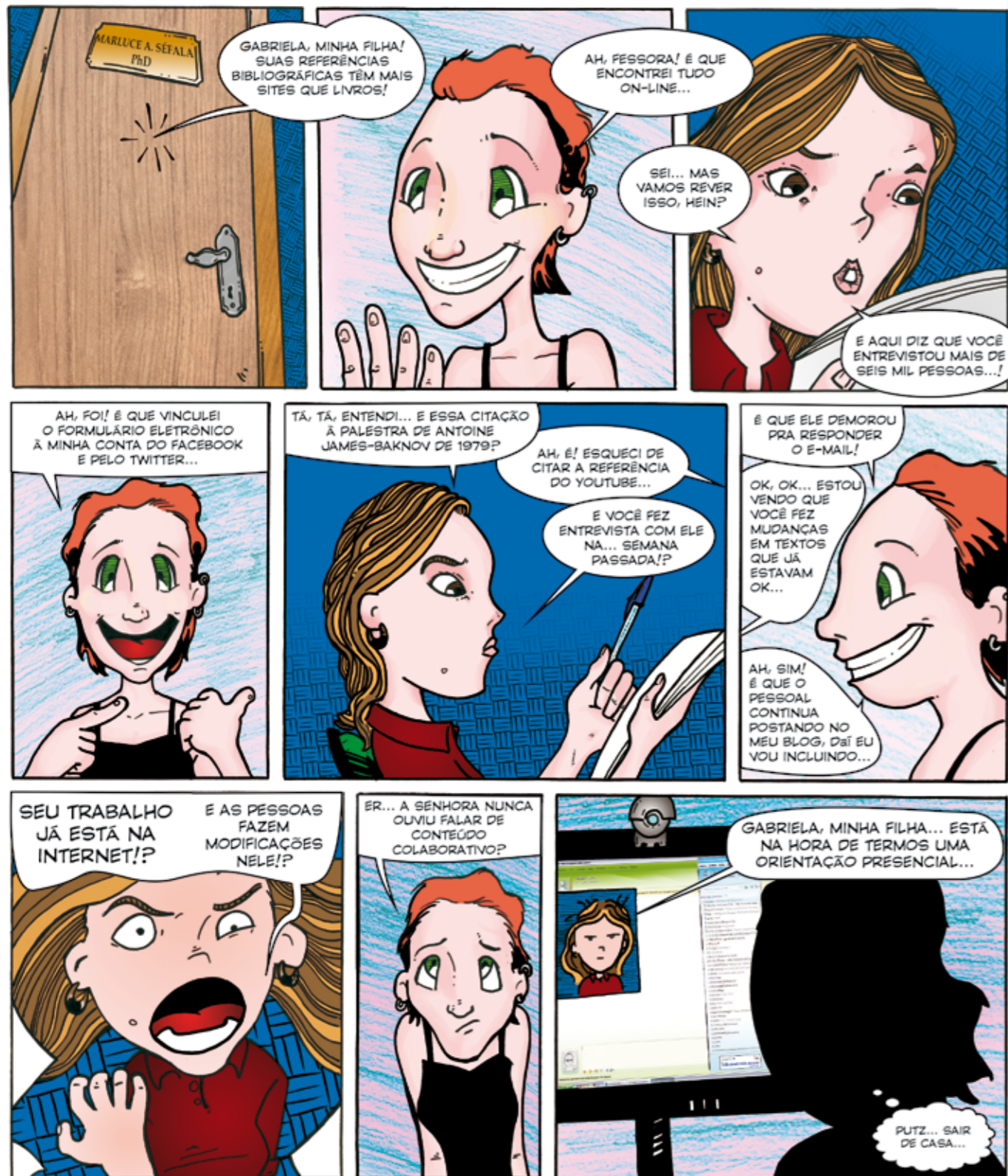
É por isso que as nossas atividades estão sempre em sintonia com as ações da maior e melhor instituição de ensino superior do Ceará, a UFC. Participe dos nossos programas de qualificação, profissionalização e especialização.



EUREKA!

O CAMPUS EM QUADRINHOS

ROTEIRO E DESENHO
FELIPE LIMA
oficina.quadrinhos.ufc@gmail.com



QUANDO UM ALUNO APRENDE DIREITINHO NO ENSINO FUNDAMENTAL,
O FUTURO NÃO DEMORA A ACONTECER.

Foi pensando nisso que o Governo do Estado criou o PAIC, Programa de Alfabetização na Idade Certa. Funciona assim: em parceria com as Prefeituras, o Governo atua junto aos municípios para capacitar e acompanhar os professores do 1º e 2º anos do Ensino Fundamental, responsáveis pela alfabetização. Além disso, o Governo criou e distribuiu gratuitamente material didático exclusivo para as crianças que estão iniciando a vida escolar. Depois de um ano, os alunos do PAIC são submetidos a uma avaliação externa. As escolas com melhor desempenho recebem o troféu Escola Nota 10 e prêmios em dinheiro para investir na melhoria de suas instalações, na compra de equipamento e na premiação de professores e funcionários. E as Prefeituras que têm escolas premiadas também recebem uma parcela maior do ICMS. Com todo esse apoio e incentivo, os resultados já estão aparecendo: nos últimos dois anos, a taxa de alfabetização dos alunos aumentou em mais de 24 pontos. O que significa que nossas crianças vão chegar ao ensino médio muito mais preparadas. E com muito mais futuro também.

É O GOVERNO DO ESTADO CONSTRUINDO UM NOVO CEARÁ.



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação

www.ceara.gov.br

Melhor
para a sua
empresa

**Produtos do
Banco do Nordeste.**
Sua empresa abastecida
com o melhor do mercado.

slavickp



O melhor para a sua empresa está no Banco do Nordeste. São diversos produtos **com as menores taxas e os melhores prazos do mercado**, feitos sob medida para a sua empresa. Procure o Banco do Nordeste e conheça mais os produtos que vão fazer sucesso no seu negócio.

**Banco do
Nordeste**



Cliente Consulta | Ouvidoria:
0800 728 3030
www.melhorparasuaempresa.com.br